

OLIMPO

DIRETOR JOSÉ MANUEL CONSTANTINO

TRIMESTRAL - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

JOGOS DO MEDITERRÂNEO
MISSÃO PORTUGUESA ESTREIA-SE
EM TARRAGONA

ENTREVISTA
**PEDRO
PAULETA**



PYEONGCHANG 2018
**KEQUYEN E ARTHUR
EMBAIXADORES
NOS JOGOS DA PAZ**



Patrocinador oficial do



**OSAR
ESCOLHER COM LIBERDADE
É FANTÁSTICO**

Experimenta e chegarás longe – ou até onde te apetecer chegar.

Joma[®]

Treina a tua liberdade

OLIMPO

EDITORIAL

A caminho de Tóquio 2020

5

NOTÍCIAS

6

OPINIÃO

**José Gomes Pereira,
diretor de Medicina Desportiva do COP**

10

EM FOCO

**Pedro Roque,
diretor desportivo do COP,
traça objetivos
Programa de Preparação Olímpica
Gémeos Oliveira
em destaque no Ciclismo de pista**

12

14

16



ENTREVISTA



**Pedro Pauleta,
diretor da Federação Portuguesa
de Futebol**

18

GRANDES EVENTOS

**Jogos Olímpicos
de Inverno Pyeongchang 2018
Jogos do Mediterrâneo**

22

24

ELITE

Tarantini

26

NO PÓDIO

Maria da Graça Coelho

27

CLUBE OLÍMPICO



Clube Fluvial Portuense

28

CONVERSA DE BALNEÁRIO



Frederico Marques

30

OS MEUS JOGOS

João Campos

32

FORA DE CAMPO

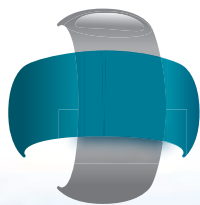
António Manuel Ribeiro

33

OLIMPO PROPRIEDADE E EDIÇÃO Comité Olímpico de Portugal

NIPC 501 498 958 · SEDE Travessa da Memória, 36 · 1300-403 Lisboa · Tel.: 21 361 72 60 · Fax: 21 363 69 67
correio@comiteolimpicoportugal.pt · www.comiteolimpicoportugal.pt

DIRETOR José Manuel Constantino DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO Cecília Carmo, António Varela e Pedro Moreira
FOTOS COP, Lusa, ShootHappens e Simon Wilkinson DESIGN E PRODUÇÃO GRÁFICA Estrelas de Papel / Atelier Gráficos à Lapa
IMPRESSÃO Raínho & Neves, Lda. – Rua do Souto, 8 | 4520-612 São João de Ver TIRAGEM 1 000 exemplares
PERIODICIDADE Trimestral NÚMERO DE REGISTO ERC 102 203 DEPÓSITO LEGAL 9083/95 DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
ESTATUTO EDITORIAL DISPONÍVEL EM <http://comiteolimpicoportugal.pt/docs/estatuto-editorial-da-revista-olimpico/>



SAÚDE[®] PRIME

Saúde para todos

**Tenha a saúde
de um campeão!**

**TENHA
SAÚDE PRIME.**

No âmbito do projecto de responsabilidade social do Comité Olímpico de Portugal, a Saúde Prime garante Planos de Saúde a todos os atletas olímpicos.

A meta é promover a Saúde dos nossos atletas.

Para saber como usufruir desta oferta de saúde, contacte a linha de apoio: 707 308 283

NAIDE GOMES | Campeã do Mundo de Salto em Comprimento

JOSÉ MANUEL CONSTANTINO
Presidente do Comité Olímpico de Portugal

A caminho de Tóquio 2020

OS JOGOS OLÍMPICOS são a melhor competição à escala mundial para conduzir a uma leitura política dos resultados desportivos. Pelas modalidades que envolvem. Pela mediatização a que estão sujeitos. Pelo cariz geopolítico e diplomático cunhado na história dos Jogos desde os tempos da Antiguidade.

Em certo sentido não são apenas os atletas que são avaliados. São também as políticas públicas de desporto que estão sob escrutínio. São as políticas federativas. É o Comité Olímpico. Todos somos avaliados. E nessa avaliação o desporto é das mais implacáveis atividades que se pode conhecer. Por uma fração de segundo ou de milímetro, muito se ganha ou tudo se perde.

O Programa de Preparação Olímpica Tóquio 2020, que é do conhecimento público, congrega numa lógica de parceria colaborativa Governo, Comité Olímpico e Federações Desportivas. O Governo assume competências de natureza regulatória e de escrutínio quanto ao modo como são utilizados os recursos públicos disponibilizados e alcançados os objetivos traçados, deixando às organizações desportivas – Comité Olímpico e Federações Desportivas - aquilo que é a operacionalização do programa.

Em Portugal, por razões que se prendem com o modelo de financiamento público ao desporto, o esforço principal de apoio à preparação olímpica recai sobre o Orçamento do Estado. Este modelo tem naturais constrangimentos, políticos, estratégicos, operacionais e financeiros. Mas, como temos amiúde afirmado, o

financiamento é uma questão relevante, mas que não assegura por si só a excelência desportiva de um país.

O COP, decorrente do balanço que fez à participação nacional nos Jogos Olímpicos do Rio, procedeu a ajustes no seu modelo orgânico, reforçando as dimensões técnico-desportiva e médica, e procurando deste modo estar à altura dos novos desafios.

Os meios financeiros que o Governo coloca à disposição para este ciclo olímpico melhoraram. Traduzem mesmo um aumento significativo em relação ao ciclo olímpico anterior.

Os Jogos Olímpicos são a melhor competição à escala mundial para conduzir a uma leitura política dos resultados desportivos

E, aqui, mais importante do que a quantidade será a qualidade da despesa, exigindo a garantia de que a preparação desportiva dos atletas e a criação de valor desportivo será o critério fundamental do que se gasta e como se gasta.

É devido um reconhecimento ao Governo pela atitude que demonstrou no que respeita às propostas que apresentámos, sem usar a posição dominante de financiador, para impor os seus pontos de vista. É devido um reconhecimento às federações desportivas pela forma competente e responsável como colaboraram connosco.

Oxalá saibamos projetar o País para os níveis de competitividade que aspiramos para o futuro, com esperança e ambição reforçada rumo a 2020. ●



COP ASSINALA DIA INTERNACIONAL DA MULHER COM DISTINÇÃO A INVESTIGADORAS DE RÉFERÊNCIA

O Comité Olímpico de Portugal assinalou o Dia Internacional da Mulher numa cerimónia em que distinguiu cinco mulheres com posições de relevo no domínio da investigação em Ciências do Desporto. Analiza Silva, professora da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa; Beatriz Gomes, professora da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra; Elisa Marques, professora do Instituto Universitário da Maia; Luísa Soares-Miranda, médica e investigadora; e Isabel Mesquita, professora da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, foram indicadas pelas suas unidades de investigação como sendo merecedoras da distinção pelo trabalho feito em Ciências do Desporto. Leonor Moniz Pereira, professora catedrática jubilada da Faculdade de Motricidade Humana, da Universidade de Lisboa, abriu a cerimónia com a conferência “Da Ginástica Corretiva à Inclusão no Desporto”.



CAMPO OLÍMPICO BY BRIDGESTONE NA SERRA DA ESTRELA

A Bridgestone e o Comité Olímpico de Portugal apresentaram a primeira edição do Campo Olímpico Portugal by Bridgestone, iniciativa destinada a jovens entre os 12 e os 16 anos que acontecerá durante as férias da páscoa, entre os dias 2 e 7 de abril, na Serra da Estrela.

O Campo Olímpico Portugal by Bridgestone trata-se de um campo de férias, que estará sediado na Pousada da Juventude da Serra da Estrela, e no qual os participantes terão a oportunidade de praticar diversos tipos de desportos de inverno e outras atividades ao ar livre, tais como montanhismo e caminhadas. Na apresentação estiveram presentes os atletas olímpicos Susana Feitor, João Silva, Joaquim Videira e José Costa, estando previsto que alguns possam participar no Campo explicando aos jovens a importância do espírito olímpico.

EXPOSIÇÃO “100 ANOS DE ESQUI EM PORTUGAL” ESTEVE NOS AEROPORTOS DE LISBOA E PORTO

A exposição “100 anos de Esqui em Portugal”, produzida pelo Departamento de Estudos e Projetos do Comité Olímpico de Portugal, em parceria com a Federação de Desportos de Inverno de Portugal e com a colaboração de vários atletas que cederam material fotográfico e documentos para tratamento de dados, esteve patente ao público nos aeroportos Humberto Delgado, em Lisboa, e Francisco Sá Carneiro, no Porto, depois de a ANA Aeroportos se ter associado de imediato à iniciativa. A inauguração ocorreu no dia 6 de fevereiro, em Lisboa, quando a Missão Portuguesa aos Jogos Olímpicos de Inverno PyeongChang 2018 partiu para a Coreia do Sul. Para além de ter o foco na história do Esqui em Portugal, a exposição incluiu ainda um espaço onde foram referidas todas as participações de Portugal em Jogos Olímpicos de Inverno.

PROJETO EUROPEU LANÇADO PARA FORTALECER LUTA CONTRA MANIPULAÇÃO DE RESULTADOS

O projeto “Training on Protected Reporting System for Professional and Grassroot Sport (T-PREG)”, financiado pela Comissão Europeia e coordenado pelo Centro de Estudos Internacionais (CEI-IUL) do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), foi lançado em Lisboa, numa reunião em que estiveram o Comité Olímpico de Portugal (COP) – representado pelo diretor-geral João Paulo Almeida e pela gestora de projetos Joana Gonçalves –, o Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ), Comitato Olimpico Nazionale Italiano (CONI), Transparência Internacional da Eslovénia (TI-Slovenia), Departamento de Desporto do Governo de Itália, Associação Europeia para a Segurança no Desporto (ESSA) e Associação Europeia para a Segurança no Desporto (EASG). O objetivo do T-PREG “é fortalecer significativamente a eficiência das políticas que estão implementadas contra a combinação de resultados desportivos através do investimento no treino/partilha de informação no meio. O projeto é fortemente baseado na cooperação entre vários atores relevantes com referência específica a dois Governos Nacionais, assim como dois Comités Olímpicos Nacionais, que, pela primeira vez, estão envolvidos numa cooperação dentro desta temática”, segundo pode ler-se no “site” do CEI-IUL. De seguida foi apresentada a Resolução das Nações Unidas contra a Corrupção no Desporto adotada em Viena, na Conferência COSP7.

MASCOTES OLÍMPICAS CIRCULAM PELO PAÍS

Mais de duas mil pessoas já visitaram a exposição “Mascotes Olímpicas - De talismãs a símbolos de identidade” nas três primeiras paragens da itinerância, em Portalegre, Reguengos de Monsaraz e Vila do Conde, que está a seguir por todo o país. A exposição foi criada pela Academia Olímpica de Portugal (AOP) e apresenta uma coleção de mascotes desde os Jogos de Inverno de Grenoble, em 1968, até aos mais recentes Jogos de PyeongChang. A exposição reúne 48 peças, numa sequência iniciada com “Schuss”, a figura estilizada do perfil de um esquiador que foi adotada para representar os Jogos Olímpicos de Grenoble 1968. A mostra é complementada pela projeção de filmes de animação protagonizados pelas próprias mascotes, em aventuras iniciadas com “Misha”, a cria de urso que simbolizou os Jogos de Moscovo 1980, e que incluem, entre outras, algumas das curtas-metragens de “Neve e Gliz”, a mascote dupla dos Jogos de Inverno de Turim 2006, criada pelo gabinete do designer português Pedro Albuquerque.

A AOP desenvolveu ainda um manual simplificado para orientação de visitas, dividido em duas partes: uma com objetivos, tópicos didáticos e sugestões de atividades para grupos de crianças; outra com a mesma estrutura para grupos de visitantes jovens e adultos.



EMBAIXADOR DO JAPÃO VISITA COP COM CASA DE PORTUGAL EM TÓQUIO 2020 NA AGENDA

O embaixador do Japão em Portugal, Jun Niimi, esteve na sede do Comité Olímpico de Portugal (COP), onde foi recebido pelo presidente, José Manuel Constantino, e pelo secretário-geral, José Manuel Araújo. Da agenda constou a presença da Missão Portuguesa nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020, a viagem do Navio-Escola Sagres e a instalação da Casa de Portugal.

Acompanharam o embaixador do Japão o ministro-conselheiro Hiroaki Sano e a terceira secretária do setor cultural, Michiko Shibata, num encontro em que participou também o Alto Comissário da Casa de Portugal nos Jogos Olímpicos Tóquio 2020, Almirante Macieira Fragoso.

Jun Niimi assinou o Livro de Honra do Comité Olímpico de Portugal, tendo recebido uma serigrafia com o título “Espírito Olímpico da Natação”, autoria de Mário Vitória.

Estiveram igualmente presentes Nuno Galhardo Leitão, presidente da Comissão de Marketing e Financiamento do COP, e Pedro Sequeira Ribeiro, diretor comercial e de marketing do COP.

SUSANA FEITOR FREQUENTA FORMAÇÃO DO COI

Susana Feitor vai participar no curso de formação intensivo do Comité Olímpico Internacional (COI) destinado a formadores do Programa de Carreiras para Atletas (ACP), entre 5 e 7 de maio, em Lausanne, Suíça.

“É uma felicidade imensa e um orgulho que o COI continue a contar comigo enquanto formadora internacional para o desenvolvimento e implementação do programa ACP”, sublinha a vice-presidente da Comissão de Atletas Olímpicos (CAO), que integra a estrutura do Comité Olímpico de Portugal (COP).

Susana Feitor esclarece que “é pretensão do COI que todos os atletas a nível mundial tenham acompanhamento e estejam alerta sobre a preparação para o pós-carreira desportiva”, explicando que o seu papel “será o de fazer este trabalho junto dos atletas dos países de língua oficial portuguesa”.

O Programa ACP tem apoiado, desde 2005, os atletas de elite a preparar a transição profissional, ajudando-os a alcançar o sucesso dentro e fora do campo de atuação. Nos últimos oito anos, mais de 8000 participantes de 91 países participaram em workshops integrados no Programa.





JOÃO SILVA NOMEADO PARA A COMISSÃO DE ATLETAS OLÍMPICOS EUROPEUS

O atleta olímpico João Silva foi nomeado oficialmente para a Comissão de Atletas dos Comitês Olímpicos Europeus (COE), na sequência da reunião da Comissão Executiva dos COE, que tomou a decisão por unanimidade, em Lausanne, Suíça.

Secretário-geral da Comissão de Atletas Olímpicos (CAO), que integra a estrutura do Comité Olímpico de Portugal, João Silva participou na competição de triatlo dos Jogos Olímpicos de Londres 2012 e do Rio de Janeiro 2016. “Esta nomeação é um grande orgulho e implica uma grande responsabilidade na representação dos atletas olímpicos, sendo também o reconhecimento internacional do bom trabalho que a Comissão de Atletas Olímpicos tem realizado em Portugal”, sublinha João Silva, que vai desempenhar o seu mandato no período 2018-2021. Os COE afirmam estar “muito entusiasmados” por poderem “beneficiar da experiência” de João Silva na representação “dos interesses dos atletas da Europa”. Esta é a segunda vez que a CAO está representado na Comissão de Atletas dos COE, depois do velejador olímpico Diogo Cayolla ter cumprido mandato entre 2005 e 2009.

MARTIM RAMÔA EM BUENOS AIRES 2018 COMO “YOUNG CHANGE-MAKER”

Martim Ramôa foi selecionado pelo Comité Olímpico de Portugal (COP) para o Programa Young Change-Makers do Comité Olímpico Internacional (COI), cujos objetivos principais passam por motivar e inspirar os atletas participantes nos Jogos Olímpicos da Juventude, promover os valores olímpicos e informar sobre as atividades de aprendizagem e partilha (culturais e educativas).

Nascido a 31 de maio de 1997, Martim Ramôa é estudante de gestão, atualmente a fazer Erasmus na Grécia, onde está a aprofundar conhecimentos sobre o Olimpismo e os seus valores. Martim foi atleta de Natação e esteve presente nos Jogos Olímpicos do Rio 2016, como apoiante dos atletas portugueses.

A sua candidatura foi aceite pelo COI no mês passado, tendo sido confirmada a ida a Buenos Aires com a equipa que representará Portugal na 3.ª edição dos Jogos Olímpicos da Juventude, em outubro. Os custos da participação no Programa Young Change-Makers são assumidos pelo COI (viagem e alojamento) e a acreditação é extra à quota de oficiais a que cada Comité Olímpico Nacional tem direito.

MARIETT MATIAS RECEBE DIPLOMA DO MESTRADO EXECUTIVO MEMOS

Mariett Matias, coordenadora técnica para a Natação Adaptada da Federação Portuguesa de Natação (FPN), recebeu o diploma de Mestrado Executivo em Gestão das Organizações Desportivas (MEMOS), concluído com a dissertação intitulada “Desenvolvimento e Implementação de um Programa de Natação Adaptada a nível das comunidades locais, em Portugal”.

Mariett Matias sublinhou que, “pela primeira vez no MEMOS, o movimento olímpico e paralímpico caminharam lado a lado”, o que permitiu que o tema da tese incidisse sobre um projeto e modelo de desenvolvimento da natação para pessoas com deficiência, a aplicar em Portugal.

José Manuel Constantino, presidente do COP, felicitou a técnica da FPN, manifestando a sua satisfação pelo “brilhante trabalho” desenvolvido no MEMOS, e a FPN, por ter apoiado dois projetos de Mestrado Executivo em Gestão das Organizações Desportivas – o de Mariett Matias e o de João Nuno Graça. Por seu lado, o presidente da FPN, António José Silva, recordou: “Quando nos lançamos o desafio de incluir na FPN a natação para pessoas com deficiência, aceitámo-lo, porque acreditamos que a natação deve estar unida numa só Federação Desportiva.”



“BECOME THE LIGHT” PARA TORNAR O MUNDO NUM LUGAR MELHOR

O Comité Olímpico de Portugal (COP) associou-se à campanha “Become the Light” lançada pelo Comité Olímpico Internacional (COI) para promover os valores Olímpicos de Amizade, Excelência e Respeito, utilizando a luz enquanto representação simbólica destes valores.

A campanha surgiu no arranque dos Jogos Olímpicos de Inverno PyeongChang 2018 e pretendeu demonstrar como os feitos dos atletas podem inspirar e motivar pessoas de todo o Mundo para se tornarem a luz e agirem como bastiões de positividade.

Por se enquadrar com a sua estratégia de valorização social do desporto, o COP juntou-se à “Become the Light”: “Identificamo-nos com os seus valores e objetivos. Trabalhamos diariamente para apresentar os atletas como um exemplo de resiliência e motivação e esta é a oportunidade de mostrar que em conjunto podemos fazer do Mundo um lugar melhor”, justificou o presidente do COP, José Manuel Constantino.

DIREÇÃO-GERAL DE EDUCAÇÃO VALIDA PROGRAMA DE EDUCAÇÃO OLÍMPICA

Os conteúdos do Programa de Educação Olímpica, do Comité Olímpico de Portugal (COP), foram validados do ponto de vista pedagógico pela Direção-Geral de Educação (DGE).

A DGE informou o COP que, para além da validação dos conteúdos, foi também reconhecida a importância do Programa de Educação Olímpica, por constituir “uma mais-valia para a educação, já que promove a criação de uma cultura desportiva e a aquisição de valores éticos básicos para o crescimento dos alunos enquanto cidadãos ativos”.

Os conteúdos são disponibilizados aos professores registados no Programa de Educação Olímpica e pretende-se que sejam instrumentos úteis para a preparação das atividades realizadas diariamente com os alunos.

GOVERNO ANUNCIA CRIAÇÃO DE PLATAFORMA PARA COMBATER MANIPULAÇÃO DE RESULTADOS

O Governo anunciou a criação de uma plataforma que permitirá a troca de informação de todos os agentes desportivos, no combate à manipulação de resultados. Este novo mecanismo permitirá recolher e tratar dados fornecidos, tanto pelas Federações Desportivas, como pelas forças policiais, casas de apostas, instituições públicas de desporto e demais intervenientes que possam colaborar na deteção de irregularidades e combate ao fenómeno.

A informação foi divulgada durante a realização do Seminário “Match Fixing – Manipulação de resultados desportivos”, organizado pelo Panathlon Clube de Lisboa, no qual o seu presidente, Manuel Brito, explicou que é necessário um “escrutínio rigoroso das práticas desportivas” para obstar ao crescimento de fenómenos de corrupção e match fixing.

José Manuel Constantino recordou que o COP é parceiro do Panathlon Clube de Portugal no desenvolvimento de ações pela ética desportiva, tendo apoiado a realização do seminário.



COMUNICAÇÃO E MARKETING EM SEMINÁRIO NA SEDE DO COP

A comunicação e o marketing do Comité Olímpico de Portugal (COP) e as relações com as federações desportivas foram objeto de seminário que produziu um conjunto significativo de reflexões e visou o estabelecimento de mais canais de partilha de informação.

O Departamento de Marketing do COP explicitou as suas formas de organização, “a importância de elaborar um plano de marketing”, o relacionamento da “marca Comité Olímpico de Portugal” com “as Federações”, para além das vias para “valorizar o desporto na relação com as empresas”, e os “serviços de marketing às Federações”. António Costa apresentou o caso da FP Atletismo, Hélder Silva refletiu sobre o caso da FP Voleibol, e Miguel Pacheco abordou a parceria Repsol-COP.

O Departamento de Comunicação do COP explicou como se organiza e relaciona com as Federações, reforçando a vontade de estabelecer novos canais na partilha de conhecimento. Ana Teixeira apresentou a estratégia de comunicação da Federação de Andebol de Portugal, tal como Cipriano Lucas, que abordou o caso da FP Natação. Luís Piçarra, responsável pelo Eurosport em Portugal, falou de televisão e vídeo digital, explicitando, entre outros assuntos, os conteúdos que o canal prevê abordar nos Jogos Olímpicos de Inverno PyeongChang 2018, enquanto detentor dos direitos de transmissão.

A comunicação digital e as redes sociais foram o tema abordado por António Granado, professor do Departamento de Ciências de Comunicação, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa.

“EXCELÊNCIA E PERFORMANCE” FORAM TEMA PARA AÇÃO DE FORMAÇÃO DA COMISSÃO DE ATLETAS OLÍMPICOS

A Comissão de Atletas Olímpicos (CAO), em colaboração com a Direção de Medicina Desportiva do Comité Olímpico de Portugal (COP), organizou duas ações de formação com o tema “Excelência e Performance – Contributos da Psicologia para a Otimização do Processo Desportivo”.

As ações decorreram em Lisboa, na sede do COP, e no Porto, na sede da Federação Portuguesa de Canoagem, a cargo de Ana Bispo Ramires, da Direção de Medicina Desportiva do COP. O foco esteve no enquadramento do papel da Psicologia do Desporto no âmbito do modelo geral da Psicologia e do Processo de Treino Desportivo em particular, tendo como principais destinatários atletas e treinadores.

Ana Bispo Ramires sublinhou que um dos principais desafios nesta área é os desportistas conseguirem “reconhecer o estado emocional e um dos primeiros trabalhos é de autoconsciência.” Para o treinador, uma das tarefas fundamentais “é ajudar os atletas a encontrarem o interruptor certo entre medo e desafio.”

Identificados como fatores de stresse causados pelos Jogos Olímpicos foram a exigência auto-imposta; aumento da atenção dos media; liberdade de movimentos reduzida; alteração de rotinas; aborrecimento vivenciado na Aldeia Olímpica; treinadores e staff ansiosos; e saber adequar o estilo de vida à Aldeia Olímpica.





JOSÉ GOMES PEREIRA
Diretor de Medicina
Desportiva do COP

A superação desportiva: os limites da performance humana*

Para muitos, o desportista de alto rendimento é um “ser superior”. Exigem-se-lhe proezas atléticas inimagináveis. No decurso da já longa existência do desporto de competição, os recordes do mundo nunca deixaram de ser batidos. É, portanto, lícito formular a seguinte questão: até quando será isto possível e quais os limites do desempenho desportivo humano?

Apesar de reconhecermos a insofismável influência da evolução tecnológica dos materiais desportivos, da alteração dos regulamentos em determinadas modalidades e especialidades, bem como da utilização de procedimentos ilícitos – dopagem – cuja dimensão acreditamos não ser verdadeira e realmente conhecida, é indubitável que à formação dos treinadores, à crescente profissionalização dos atletas, aos métodos de treino e aos procedimentos científicos de controlo desse mesmo treino pode ser atribuída uma parcela significativa na explicação para a não estagnação dos resultados.

Porque tudo tem o seu preço e porque a superação desportiva humana não foge a esta regra, a intervenção especializada em Medicina Desportiva adquiriu hoje um estatuto incontornável. Partindo do princípio que a preservação da saúde do atleta materializa o seu objectivo principal, pode considerar-se que a compatibilização entre esse objetivo e a constante superação desportiva consubstancia um desafio técnico e científico de grande complexidade.

É comum olhar-se o grande atleta como um indivíduo diferente do “Homem vulgar”. Todos os dias, o seu organismo é posto à prova, é submetido a situações extremas de agressão psicofisiológica, nem sempre compatíveis com aquilo que se considera uma actividade saudável. É fundamental que o praticante desportivo aprenda a “ouvir o seu corpo”. Ou seja, saiba apreciar e valorizar os sintomas de modo a poder interpretá-los convenientemente.

Não há competição sem dopagem?

Um dos mais sérios problemas do desporto de alta competição, talvez aquele para o qual não se vislumbra uma solução, nem fácil nem a curto prazo, é o da utilização de substâncias dopantes. A dopagem é uma realidade. Uma realidade bem antiga mas que se apresenta tão atual, sempre com variantes novas e contornos graves. Pode afirmar-se que, nos dias de hoje, não existem desempenhos desportivos de excelência “completamente insuspeitos”. Para um número significativo de atletas, técnicos e demais agentes envolvidos no fenómeno desportivo, existe a crença de que os grandes feitos atléticos não se alcançam unicamente com preparação séria. Dependem também da “preparação farmacológica”. Muitos treinadores e atletas pensam desta forma, ainda que nem sempre o afirmem. A procura de responsáveis e infratores não se tem mostrado de todo satisfatória. Assim como acontece para outros problemas sociais, a identificação de soluções não é, por certo, a tarefa mais fácil. A dificuldade situa-se na concordância de ações continuadas que, no caso vertente, se podem equacionar ao nível da legalização, da interdição e da educação.

Não sendo este o nosso ponto de vista, tem sido por demais referido que há que acabar com a hipocrisia, pelo que a igualdade competitiva só será possível quando se liberalizar o uso de substâncias dopantes. Trata-se de uma perspectiva meramente académica, pois que esta solução em nada contribuiria para as desejáveis condições de igualdade entre atletas, para não falar nos graves problemas de índole médica que tal medida acarretaria. Não é crível que, através da liberalização, todos os atletas passassem a possuir as mesmas condições de acesso a esses métodos. Por outro lado, e porque estes procedimentos passavam a ser despenalizados, eventualmente realizados por variadíssimas pessoas, com formação medico-desportiva e sem ela, a perspectiva do acompanhamento médico-desportivo do atleta, baseada no binómio exercício/saúde,

ou passaria para segundo plano, ou pura e simplesmente desapareceria, dando lugar a procedimentos destituídos dos pressupostos fundamentais que regulam a relação médico-atleta, passando a pautar-se por procedimentos não éticos. A questão coloca-se a dois níveis: por um lado a “batota” e por outro os graves riscos para a saúde do Homem que, por acaso, até é atleta. Para o primeiro nível de abordagem (“batota”), existem punições previstas, e o atleta sabe o que arrisca neste domínio. Quando detetado, sofre as sanções previstas, as quais não são, por via de regra, nada leves. Mas, só se conseguem identificar alguns tipos de “batota”. A revelação de testemunhos públicos proferidos por ex-atletas são profundamente inquietantes. Tais factos, associados à sofisticação científica conferida ao assunto pelos grandes prevaricadores, deixam-nos fortes dúvidas quanto à real dimensão do problema. Muito provavelmente, o que se conhece é apenas a “ponta do iceberg”. A questão da legalização é meramente académica. Viola não só o espírito desportivo “fair-play”, mas também aquilo que nunca um médico deve permitir: a violação deliberada de um princípio sagrado no desempenho da ciência e arte médicas em criar condições para que a vida possa ser vivida com saúde, não dando a prioridade nem se subjungando a outros interesses.

Dopagem ou o mundo do vale-tudo

A utilização de substâncias dopantes é, com maior ou menor sofisticação, generalizável a praticamente todas as modalidades. A vitória a qualquer preço é, nas últimas décadas, uma invariante da alta competição desportiva. É escusado negá-lo. O que importa é reconhecer a existência do problema e criar estratégias para a sua minimização. Acreditamos que em muitos casos o atleta não é o principal responsável. Mas estamos convictos que é, indiscutivelmente, a principal vítima. A sofisticação e a procura de métodos cada vez mais eficazes e sem olhar a meios tem conferido à dopagem uma dimensão inimaginável.

A passagem seguinte espelha bem a teia, a sofisticação e a completa ausência de regras que pauta os procedimentos de dopagem. É uma história verídica, quiçá conhecida do leitor, que tem rostos, aqui omitidos por compreensíveis razões.

O atleta em causa poderá ter sido a primeira vítima daquela substância específica, perigosa, não utilizável em saudáveis e até então de utilização desconhecida com propósitos desportivos. Em pleno esforço, em plena prova, sucumbiu, tendo perdido a consciência. Transportado ao hospital, o seu estado foi considerado muito grave. Entrou em coma e esteve internado doze dias, “entre a vida e a morte”. Posteriormente, já recuperado, o atleta e seus representantes processaram os dois médicos responsáveis pelo tratamento. E porquê? De facto, durante o período em que o atleta esteve às “portas da morte”, com desfecho incerto, os médicos foram avisados por parentes e amigos do atleta, de forma velada, sobre a utilização de uma substância que objetivamente desconheciam. Indignados, os dois clínicos optaram por revelar esta informação, na esperança, segundo os médicos, “que o caso servisse de exemplo a todos os que usam ou pensam usar esta a perigosa substância, mesmo a título experimental”. Finalmente recuperado, o atleta e seus representantes consideraram a existência de dolo na imagem sócio-desportiva do atleta, com graves danos no seu bom nome. Os dois médicos que haviam salvo a vida ao atleta foram processados e sancionados. Segundo o representante do atleta, “o acidente deveu-se a uma forte reacção alérgica”, não rebatível no plano médico, pela impossibilidade de se provar cientificamente o uso da referida substância.

Em jeito de conclusão, acreditamos poder referir que não se conhecem os limites do desempenho desportivo humano. Os recordes mundiais nunca deixaram, nem deixaram de ser superados. No entanto, importa também salientar que o “preço a pagar”, em um número significativo de casos, é extremamente elevado. Casos há em que foram pagos com a vida. É uma dura realidade, mas que tem de ser claramente reconhecida. Só a ciência ao serviço do desporto de competição, como meio de superação desportiva por procedimentos lícitos e pautado por princípios éticos rigorosos, se poderá opor àquela realidade, conferindo ao desporto de competição e ao espetáculo dele decorrente o estatuto de idoneidade e de verdade que constituem a sua essência. Utopia? Para alguns, sim. Nós acreditamos que não! ●

* Adaptado de um texto que o autor publicou em novembro de 2005 in *O Corpo Que (Des)conhecemos*, Ed. Faculdade de Motricidade Humana, pp. 109-134



Um dos mais sérios problemas do desporto de alta competição, talvez aquele para o qual não se vislumbre uma solução, nem fácil nem a curto prazo, é da utilização de substâncias dopantes. A dopagem é uma realidade



“Temos muita confiança no trabalho desenvolvido pelas Federações”

PEDRO ROOQUE

DIRETOR DESPORTIVO DO COMITÉ OLÍMPICO DE PORTUGAL

É o novo titular do cargo de diretor desportivo do Comité Olímpico de Portugal, na sequência de uma carreira profissional construída no treino de alto rendimento. A dois anos e meio dos Jogos de Tóquio 2020 abre perspectivas a uma participação de qualidade

Pormenores que podem fazer toda a diferença

“É fundamental perceber que neste quadriénio somos mais exigentes com a entrada para o Projeto, mas também com a estrutura do próprio Comité”, refere Pedro Roque. “A diferença entre um 1.º e um 2.º lugar ou entre um 3.º e um 4.º; a diferença entre um 8.º e um 9.º ou entre um 16.º e um 17.º muitas das vezes são pequeníssimos detalhes, e esses detalhes preparam-se à distância. E é isso que nós vamos tentar fazer em conjunto com as Federações, e proporcionar esses recursos. Muitas vezes essas questões nem têm a ver com dinheiro, nem com questões estruturais.”

Pedro Roque tem propósitos para ajudar a melhorar os resultados, sem que isso implique custos acrescidos. “É preciso otimizar os recursos que temos e isso vai ser feito numa articulação muito grande com as Federações, mas também com outras área de saber. Queremos integrar as faculdades e os institutos de ensino superior. Queremos ter uma ligação muito próxima com os centros de alto rendimento. O pormenor é muito importante, porque se tivermos meia-dúzia, uma dúzia, e cuidarmos deles, nós podemos chegar, com os mesmos atletas, o mesmo processo, a melhores resultados.”



Licenciado em Educação Física, com mestrado em Gestão da Formação Desportiva, Pedro Roque assumiu o cargo de diretor desportivo do Comité Olímpico de Portugal. Treinador credenciado pela Federação Internacional de Ginástica, obteve o nível mais elevado em Ginástica Artística Feminina. Foi coordenador técnico nacional de Ginástica Artística Feminina, entre 2007 e 2012, e treinador da Federação de Ginástica de Portugal no período 2007-2016.

Na qualidade de treinador nacional apurou e acompanhou atletas em Jogos Olímpicos, campeonatos do Mundo, campeonatos da Europa, Jogos Olímpicos da Juventude, Festivais Olímpicos da Juventude Europeia, Universíadas e inúmeras taças do mundo.

Aos 45 anos, Pedro Roque diz assumir “um desafio enorme”, que é também “uma honra enorme.” No horizonte estão os Jogos Olímpicos Tóquio 2020. “Naturalmente que também olho para este projeto com muita responsabilidade. É uma das questões mais importantes do ponto de vista do alto rendimento, no desporto português.”

O novo diretor desportivo do COP substituiu Paulo Cunha e não parte da estaca zero. “O Prof. Paulo Cunha já desenvolveu muito trabalho nesta área. A função é nova, foi iniciada neste quadriénio, e eu vou continuar o trabalho dele. Não há uma surpresa, não há um desencontro entre aquilo que seria a minha expectativa e aquilo que é o exercício destas funções, porque já temos um contrato-programa assinado com a tutela e aquilo que nós pretendemos é cumpri-lo na íntegra.”

A função de Pedro Roque implica grande proximidade com atletas, treinadores, diretores-técnicos e Fe-

derações, “para poder ajudar naquilo que puder” a “eivar o nível, tanto do treino como o nível competitivo de todos os atletas integrados no Projeto de Preparação Olímpica.”

“Vamos à procura de medalhas”

A relação de proximidade que o diretor desportivo do COP pretende estimular implica estar no terreno. “Quero conhecer os contextos, de treino e a nível competitivo”, sublinha Pedro Roque. “Esta é uma função de avaliação, mas entenda-se na sua conotação mais nobre, que é de ajudar a melhorar. Esta avaliação não é a da prestação dos atletas e seus treinadores, porque essa é feita em competição, é muito objetiva e, às vezes, até muito fria. Faltam dois anos e meio para Tóquio e temos agora a possibilidade de fazer alguns ajustes, que, esperemos, possam ajudar os atletas a conseguir os seus objetivos, que são os de todos nós. É nesse sentido que o cargo de diretor desportivo aparece.”

Em cada ciclo olímpico há sempre um grupo de atletas que, apesar de integrados no Programa de Preparação Olímpica, não conseguem atingir o apuramento final para os Jogos. O problema está identificado e foram criadas medidas para o ultrapassar. “Um dos objetivos para este quadriénio foi criar critérios mais exigentes para a entrada dos atletas no Projeto”, refere o diretor desportivo do COP. “Há dois patamares de análise. Em primeiro lugar, estão os atletas que objetivamente podem fazer cumprir o que está contratualizado: no mínimo, duas posições de pódio; doze diplomas, de posições até ao 8.º lugar; e o mínimo de 26 posições até ao 16.º lugar, posições de semifinalista. É isto que nós temos que apresentar como contrapartida ao

apoio que a tutela dá. No entanto, há outro patamar, de atletas que vão participar para além dos que têm o objetivo de ficar até ao 16.º lugar.”

O apuramento de melhores resultados nos Jogos Olímpicos é um objetivo assumido, quando a tendência tem sido de decrescimento.

“Nós temos de ter objetivos palpáveis e, olhando para o desporto nacional, há problemas, mas verificamos que existem atletas de alta qualidade em várias modalidades, treinadores do melhor que há no Mundo. É um desafio incrível esta contratualização de objetivos, mas acho que é possível cumpri-los. Se os cumprirmos, teremos provavelmente os melhores resultados de sempre nuns Jogos Olímpicos. E isto quererá dizer que o desporto português está a crescer. Já no Rio, onde não se conseguiram atingir os objetivos pretendidos, houve um conjunto de resultados ao qual a imprensa e o público em geral talvez não tenham dado o devido valor”, defende Pedro Roque. “Num conjunto mais extenso de modalidades do que é habitual, nós tivemos lugares até aos oito primeiros, de finalistas, e lugares de semifinalistas.”

Pedro Roque sublinha a necessidade de observar a participação nos Jogos sem perder de vista o objetivo mais alto. “Naturalmente, nós vamos à procura das medalhas e sabemos bem qual o mediatismo que criam. No entanto, é fundamental que as pessoas entendam que ter um resultado até ao 8.º lugar, até ao 16.º, é estar na elite mais elevada do desporto em termos internacionais. Quem se qualificar para os Jogos Olímpicos é um atleta de uma qualidade por si só extraordinária.” ●

Primeiro-Ministro apela aos atletas para não esquecerem que quando entram em competição “é também um pouco de nós que o faz”

TÓQUIO 2020

GOVERNO PEDE EMPENHO NO ARRANQUE DO PPO

O Governo decidiu assinalar o arranque do ciclo olímpico Tóquio 2020 com a presença do Primeiro-Ministro, António Costa, na cerimónia realizada no Centro de Alto Rendimento dedicado ao Atletismo, no Jamor.

“Independentemente do resultado que cada um de vós venha a obter, o mais importante não é a chegada, mas este momento de partida, para quando chegarem serem mais rápidos, mais fortes” e tenham atingido o ponto mais alto – este foi o desafio lançado por António Costa aos membros da equipa olímpica, aludindo a uma citação do poeta Fernando Pessoa: “A maior vitória não é chegar, é partir.” O Primeiro-Ministro pediu ainda aos atletas para não esquecerem que “cada vez que entram em competição é também um pouco de nós que o faz.”

Tiago Brandão Rodrigues, ministro da Educação, que tutela a área do desporto, destacou as condições criadas no Programa de Preparação Olímpica (PPO) Tóquio 2020, subscrito pelo Comité Olímpico de Portugal e pelo Comité Paralímpico de Portugal. “Alocámos mais meios, com mais



António Costa cumprimenta a triatleta Melanie Santos, na presença de João Paulo Rebelo e Tiago Brandão Rodrigues

recursos, para os Comitês e para as Federações. Esta é a nossa luta comum.”

O presidente do Comité Olímpico de Portugal (COP), José Manuel Constantino, sublinhou o alcance do PPO agora em vigor: “Importa destacar que, quer o modelo de apoio à preparação, quer os meios financeiros que o Governo coloca à disposição para este ciclo olímpico melhoraram. Traduzem mesmo um aumento significativo em relação ao ciclo olímpico anterior.”

“É devido um reconhecimento ao Governo pela atitude que demonstrou no que respeita às propostas que apresentámos, sem usar a posição dominante de financiador, para impor os seus pontos de vista”, referiu José Manuel Constantino, que lembrou ainda o alcance que a participação nos Jogos Olímpicos atingiu: “Em certo sentido não são apenas os atletas que são avaliados. São também as políticas públicas de desporto que estão sob escrutínio. São as políticas federativas. É o Comité Olímpico. Todos somos avaliados. ●

MAIOR APOIO PÚBLICO IMPLICA NÍVEIS DE EXIGÊNCIA MAIS ALTOS

O Conselho de Ministros resolveu em 21 de dezembro de 2017 autorizar a realização de despesa até 18,55 milhões de euros para a execução do Programa de Preparação Olímpica (PPO) Tóquio 2020, a decorrer no período 2018-2021, e cuja supervisão e coordenação está a cargo do Comité Olímpico de Portugal, em colaboração com as Federações Desportivas.

Depois da avaliação dos ciclos olímpicos 2009-2012 e 2013-2016, foram aprovadas diversas alterações em relação aos PPO anteriores:

1. Introdução de medidas que otimizem o rácio entre Atletas apoiados e Atletas qualificados para os Jogos Olímpicos (JO);
2. Aumento do grau de exigência desportiva aos Atletas que visam a obtenção de resultados de excelência através da elevação dos critérios de integração;
3. Aperfeiçoamento do acompanhamento técnico e clínico dos atletas no processo de preparação para os JO, através do reforço do envolvimento e agilização de mecanismos de

coordenação entre a Direção Desportiva do COP e a Direção de Medicina Desportiva do COP e as Federações Desportivas ao longo do ciclo de planeamento e preparação;

4. Aperfeiçoamento e harmonização entre o Projeto Esperanças Olímpicas e o Projeto Tóquio 2020, como cadeia de valor para alimentar o Projeto Olímpico, bem como suprir dificuldades que comprometem a transição de Atletas entre projetos, particularmente quando alcançam marcas próximas dos critérios de integração;
5. Distinção dos Atletas integrados no Projeto Tóquio 2020, entre aqueles cujo objetivo passa por alcançar uma classificação de medalhado, finalista ou semifinalista e/ou equivalente e os restantes cujo valor desportivo seja indicador de eventual qualificação para os JO com apoios distintos às Federações Desportivas para ambos;
6. Criação de apenas dois níveis para integração no PPO: **Top Elite e Elite;**

7. Criação de um nível de apoio às federações para os atletas que não estando nos níveis anteriores revelem valor desportivo suscetível de qualificação para os JO;
8. Supressão do valor máximo do Apoio à Preparação por Atleta na circunstância em que se prevê, no plano de preparação e participação competitiva, a possibilidade de incluir o investimento com a contratação de equipas multidisciplinares, a aquisição de equipamentos e o apoio logístico;
9. Supressão da redução na bolsa aos treinadores para os casos em que enquadrem mais que um atleta no PPO;
10. Introdução de um modelo de apoio inclusivo às disciplinas coletivas de modalidades individuais;
11. Reforço da valorização da relação treinador/equipa técnica/atleta;
12. Aperfeiçoamento na regulação dos termos, condições, competências e responsabilidades da gestão das verbas do Apoio à Preparação, bem como a sua desburocratização, coordenação e operacionalização a estabelecer nos contratos entre COP, Federações, Atletas e Treinadores.

OBJETIVOS

Os objetivos gerais do Projeto Tóquio 2020 centram-se na conquista de classificações que obedecem a três níveis de exigência prioritários:

1. Não inferior a 2 posições de pódio;
2. Não inferior a 12 diplomas, classificações até ao 8.º lugar;
3. Não inferior a 26 classificações até aos 16 primeiros.

Seguem-se depois outros objetivos a atingir:

- 1 – Aumentar a pontuação dos resultados obtidos, ou seja, obter mais de 40 pontos nas classificações entre os 8 primeiros;
- 2 – Aumentar para 80% o rácio entre atletas apoiados e atletas selecionados para competir nos JO Tóquio 2020;
- 3 – Aumentar a representatividade das modalidades participantes nos JO Tóquio 2020, ou seja, qualificar atletas de 19 modalidades distintas;
- 4 – Aumentar o rácio de participação por género para 40% de atletas femininas selecionadas para competir nos JO Tóquio 2020

NÍVEIS DE INTEGRAÇÃO

Neste sentido foram criados dois níveis: um que garante apoio direto às Federações, Atletas e Treinadores, correspondente aos Atletas integrados nos Níveis Top Elite e Elite; e um outro nível de apoio, exclusivo à preparação, que será disponibilizado às Federações para a respetiva gestão de apoio a Atletas, que não estando integrados naqueles níveis apresentam valor desportivo suscetível de qualificação para os Jogos Olímpicos.

Os princípios gerais de integração são os seguintes e obrigam à consecução de determinados resultados desportivos:

TOP ELITE – 1º a 10º classificado nos Jogos Olímpicos; 1º a 8º em campeonatos do Mundo; 1º a 3º em campeonatos da Europa (exceto em ano olímpico/a confirmar pela competitividade europeia no contexto mundial); 1º a 10º classificado no ranking mundial (nas modalidades que qualificam por esta via).

ELITE – 11º a 16º classificado nos Jogos Olímpicos; 9º a 12º em campeonatos do Mundo (dependendo do modo de apuramento da classificação final de cada modalidade/especialidade); 4º a 8º em campeonatos da Europa (exceto em ano olímpico/a confirmar pela competitividade europeia no contexto mundial); 11º a 20º classificado no ranking mundial (nas modalidades que qualificam por esta via).



Telma Monteiro aponta a Tóquio

Os princípios enunciados são indicadores de referência, porque em algumas modalidades existe: uma disparidade entre o número de participantes por país/especialidade nos CM e nos JO, tornando o nível competitivo, em alguns CM, superior ao verificado nos JO; um nível de competitividade continental distinto entre algumas modalidades/especialidades olímpicas; necessidade de uma avaliação da qualidade desportiva através de resultados de Tabela de Marcas.

A permanência no PPO será objeto de avaliação técnica com periodicidade anual, em função do critério que deu acesso à integração, tendo presente os seguintes aspetos: quando um Atleta cumpre os critérios de integração para o Nível de Top Elite ou Elite, permanecerá no Projeto durante 2 anos, uma vez cumpridos os planos anuais de preparação e os objetivos individuais definidos para as competições critério; após análise anual dos objetivos intermédios, poderão resultar acertos do nível de integração e/ou ao período de permanência no Projeto, ou eventual exclusão nos casos de sistemática ausência de reconfirmação do nível desportivo dos Atletas integrados nos Níveis Top Elite e Elite.

Os casos de natureza clínica serão objeto de análise particular.

BOLSAS DE ATLETAS E TREINADORES

Os Atletas das modalidades individuais integrados no Projeto Tóquio 2020 beneficiam de uma bolsa mensal paga diretamente pelo COP.

TOP ELITE – 1 375 euros

ELITE – 1 000 euros

A Bolsa dos Treinadores é totalmente autónoma e independente das atividades profissionais, não constituindo retribuição ou remuneração de trabalho ou serviços prestados pelo(a) Treinador(a).

Para o apoio aos Treinadores é disponibilizada uma verba correspondente a 80% do valor do nível em que está integrado o seu Atleta sendo cumulativa no caso em que enquadre mais que um Atleta, até ao limite de 3. As especialidades coletivas de modalidades individuais estão limitadas a um(a) Treinador(a).

As federações de modalidades ou disciplinas coletivas podem beneficiar de um dos seguintes níveis de apoio anual:

TOP ELITE – até 10 mil euros por atleta de equipa

ELITE – até 7 500 euros por atleta de equipa

Estas comparticipações são atribuídas às federações para o apoio à preparação da equipa, considerando o número de participantes estabelecido nos regulamentos de participação nos JO, podendo ser aplicadas no enquadramento técnico ou em bolsas aos Atletas.

GÊMEOS OLIVEIRA FAZEM HISTÓRIA NO CICLISMO DE PISTA

Ivo e Rui Oliveira têm 21 anos. Apesar de muito jovens, os irmãos de Vila Nova de Gaia são já uma referência no ciclismo de pista em Portugal

Entre Campeonatos da Europa e do Mundo e nas categorias de juniores, sub-23 e de elite, os dois irmãos somam quase 20 medalhas.

A mais recente foi a de Ivo, no início do mês de março, em Apeldoorn, na Holanda. O jovem ciclista garantiu a medalha de prata nos Campeonatos do Mundo, na prova de perseguição individual. Ivo Oliveira defrontou na final o italiano Filippo Ganna, numa reedição da final dos Europeus realizados no ano passado, na altura também favorável ao italiano. O segundo lugar de Ivo Oliveira, que completou os 4.000 metros da final em 4m15,428s, garantiu o primeiro pódio para o ciclismo de pista português em Mundiais de elite.

“O Ivo teve uma prestação de excelência, vencendo a qualificação com o melhor tempo pessoal de sempre. Conseguiu ser regular durante os primeiros três quilómetros da final, faltando apenas a capacidade de acelerar no quilómetro final, que foi quando tudo se decidiu. Destaco que, ano após ano, vamos colocando a fasquia num patamar mais elevado. No futuro haveremos de lutar novamente pelo título mundial” – foi assim que Gabriel Mendes, o selecionador Nacional de Ciclismo de Pista se referiu no momento da conquista da medalha.

Mas nestes Campeonatos do Mundo de Pista também o irmão gémeo de Ivo, Rui, já tinha feito história. Foi 5º classificado na prova de scratch, classificação que lhe permitiu, até à medalha do irmão, ser o melhor ciclista luso de sempre a nível mundial, na categoria de elites.

Um registo que ninguém tira a Rui Oliveira é o de ter sido o primeiro corredor português a garantir uma medalha em campeonatos da Europa de pista, na categoria de elite, o ano passado, com o bronze na prova de eliminação.

Chegar aos Jogos Olímpicos é o objetivo

Ivo e Rui Oliveira sonham com uma presença olímpica nos Jogos de Tóquio 2020. Apesar do apuramento parecer fácil de alcançar, devido aos resultados recentes dos dois ciclistas, o que é certo é que ambos sabem que o caminho será trilhado com muito trabalho e dedicação. “Temos de trabalhar diariamente para tentarmos chegar a Tóquio. Ainda não estamos na fase de participar em provas que nos permitam garantir marcas para os Jogos Olímpicos, mas temos que chegar a cada uma delas no máximo do nosso rendimento”, referiu Rui Oliveira que tem noção de que o apuramento será difícil e que se poderá dar o caso de só um dos dois garantir presença nos Jogos Olímpicos. “Se o Ivo conseguir e eu não será para mim motivo de grande satisfação. Estar ele ou eu nos Jogos Olímpicos é igual. Quero para o meu irmão o mesmo que quero para mim e, por isso, se for ele apurado e eu não, será como se for eu a competir”.

Também Ivo corrobora do espírito do irmão gémeo: “Quando o Rui tem um resultado melhor do que o meu e garante uma medalha, a satisfação de o ver no pódio é enorme. É como se fosse eu a estar lá”.

Os gémeos passam todo o dia juntos. Vivem juntos, representam a mesma equipa profissional em estrada e trabalham juntos na preparação para as provas de pista.

A decisão de conciliar as competições em pista e em estrada ainda é possível. E nenhum dos dois quer pensar em ter que fazer uma opção. “Conseguimos gerir muito bem os horários e os calendários para darmos tudo em cada uma das vertentes do ciclismo. Quando estamos em Portugal o nosso treinador envia-nos dos Estados Unidos o plano para a estrada. Aqui conseguimos conciliar tudo”, adianta Ivo



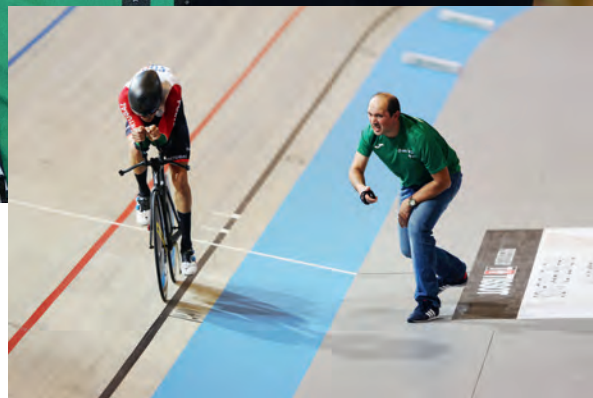
Ivo e Rui Oliveira no Mundial de Apeldoorn, na Holanda

Oliveira. Para o irmão Rui “esta situação é de dedicação total à modalidade que adoramos. Prescindimos de ter vida social, como outros jovens da nossa idade, para nos dedicarmos a 100% ao ciclismo. Só assim poderemos atingir os objetivos a que nos propomos”.

Jovens trabalhadores e humildes com grandes capacidades técnicas

Ivo e Rui Oliveira convivem com o ciclismo desde sempre, por via da grande tradição familiar. Começaram a praticar a modalidade com 7 anos e, talvez por isso, nenhum dos dois admite que pensou em abraçar outro desporto. Os bons resultados surgiram para os dois muito cedo, primeiro nas provas nacionais em que participaram, para depois se confirmarem nos grandes palcos internacionais.

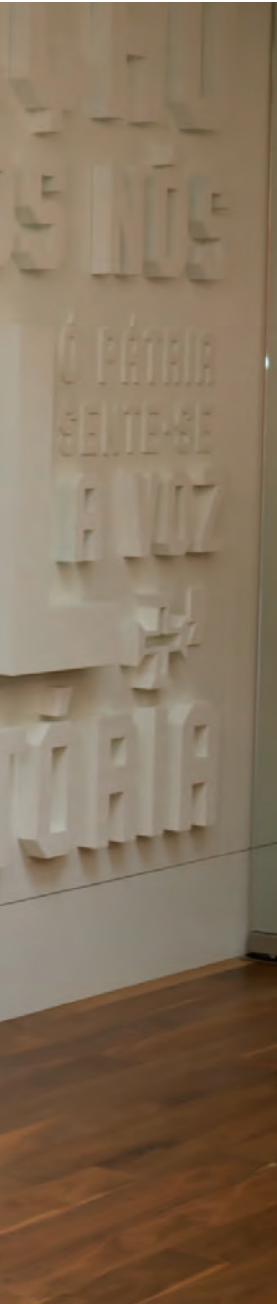
São corredores com características excecionais, o que, para o selecionador nacional, facilita o trabalho de preparação para as provas, tanto na estrada, como na pista: “São dois atletas com excelentes capacidades aeróbias e anaeróbias. São atletas de endurance, mas com notáveis capacidades em termos de velocidade e resistência”, refere Gabriel Mendes, que adianta: “É muito fácil trabalhar com os dois. Eles são muito similares em termos de características. E para além de tudo são muito empenhados e trabalhadores. São muito focados e responsáveis para com os objetivos que perseguem”.



Estes dois jovens são os grandes responsáveis pelo relançamento do ciclismo de pista em Portugal. Os resultados que têm garantido e o exemplo que dão fazem deles uma referência da modalidade para todos. Os atletas refutam a ideia e Rui Oliveira vai mesmo mais longe: “É um facto que nós trabalhamos todos os dias para sermos melhores. Mas quando chegámos aqui já a seleção trabalhava há muito. Nós conseguimos bons resultados, mas toda a gente que está aqui a trabalhar connosco faz parte dos sucessos. Não é só por nós os dois que isto é possível”. ●



Deu sequência no dirigismo a uma carreira feita nos patamares mais elevados do futebol profissional, com vontade de preservar valores que possam servir de referência aos jovens: humildade, vontade de ganhar e respeito. E não tem dúvidas quanto ao lugar que o futebol deve ocupar no Movimento Olímpico



PEDRO PAULETA

“É SONHO DE QUALQUER ATLETA ESTAR NOS JOGOS OLÍMPICOS”

Pedro Pauleta é diretor da Federação Portuguesa de Futebol. Tem a seu cargo, para além de outras, as seleções olímpicas. Tóquio está já aí. Como é que está a correr o trabalho, sendo que o apuramento ainda não se encontra garantido?

Ainda está bastante longe. Temos essa ambição, como é obvio, de estar em Tóquio, já que a experiência no Rio de Janeiro foi muito boa. Queremos voltar a estar nuns Jogos Olímpicos. Como sabem é uma gestão difícil, a do apuramento, porque primeiro temos de nos qualificar em primeiro lugar no grupo para o Campeonato da Europa. E depois, no Europeu, ser um dos quatro primeiros, para podermos depois ter acesso aos Jogos Olímpicos. Ainda estamos longe. Estamos a disputar a fase de apuramento para o Campeonato da Europa, mas acreditamos que é possível e vamos lutar até ao fim para que isso seja possível.

Como é que estamos atualmente em termos do valor das equipas mais novas? Mantém-se a qualidade verificada nos últimos anos?

Felizmente, temos tido boas gerações de jogadores, com muita qualidade. Isto é também fruto do trabalho que cada um dos atletas tem feito nos seus clubes. Praticamente, todos os clubes têm trabalhado muito bem na formação e por isso temos conseguido fazer coisas boas nas seleções de sub-17, sub-19, sub-20... E por isso acreditamos que daqui até 2020 vamos ter uma equipa bastante forte, com muita qualidade, uma equipa competitiva! Se Deus quiser, vamos estar presentes nos Jogos Olímpicos.

Nas últimas edições dos Jogos, Portugal tem estado praticamente sempre presente. Todos pensam que a seleção poderá marcar presença em Tóquio. Há vantagens em poder levar jogadores mais velhos, que não façam parte deste grupo etário?

Sim, mas essa é uma vantagem que todas as outras seleções também têm. É verdade que temos essa possibilidade. Nos últimos Jogos Olímpicos não a utilizámos. Como sabe, não é uma data FIFA, por isso é bastante complicado escolher os jogadores para essa competição. Os clubes estão no início das pré-temporadas. Na última experiência que tivemos os jogadores que nós queríamos não nos foram cedidos. Mas temos de aceitar porque não é uma data FIFA. Espero que nos próximos Jogos o selecionador possa escolher os 23 melhores e que consiga levar aqueles que quer. >



“REPRESENTAR O PAÍS É A COISA MAIS LINDA QUE PODE ACONTECER A UM DESPORTISTA”

Do que conhece da realidade internacional e das negociações entre a FIFA e o Comité Olímpico Internacional acha que mais cedo ou mais tarde essa situação vai deixar de acontecer?

Espero que sim, porque estar nos Jogos Olímpicos é o sonho de qualquer atleta. Seja no futebol ou noutra modalidade. Representar o país nos Jogos Olímpicos é qualquer coisa de enorme e por isso acho que não se pode tirar esse sonho a um atleta. Já é muito difícil quando há problemas físicos e lesões. Não poder ir porque o clube não dispensa o jogador também é mau. Mas, por outro lado, temos também de compreender os clubes que estão numa fase inicial da época. Julgo que, com boa vontade de todas as partes, se vai conseguir que todas as seleções tenham os melhores atletas a defender a sua bandeira.

Como é que um homem do futebol, um dirigente português que esteve no Rio de Janeiro em 2016, vê os Jogos Olímpicos?

Foi uma experiência única. Como jogador não tive essa oportunidade. Tive como diretor e ainda por cima ficámos na Aldeia Olímpica. O futebol costuma ficar sempre fora da Aldeia. Não era a mesma coisa. Era como se fosse um campeonato do Mundo. Ao ficar na Aldeia Olímpica convivemos com aquele ambiente que é fenomenal. Estamos com todos os atletas. Conhecemos as modalidades todas.

Estamos presentes com os todos os atletas todos os dias e, de facto, é uma experiência única. Tivemos essa sorte e os nossos jogadores aproveitaram muito. É um ambiente diferente de qualquer outro.

Muitas pessoas têm a ideia de que o futebol está sempre à parte, em relação às outras modalidades. Neste caso isso não aconteceu...

Não aconteceu. Felizmente tudo tem também muito a ver com a personalidade do nosso selecionador Rui Jorge. Desde o início quisemos estar ao lado dos nossos outros atletas, de outras modalidades. Fomos muito bem recebidos por eles e mantemos uma relação muito próxima. Apoiámo-nos uns aos outros e os nossos jogadores tiveram um comportamento fantástico. Isso foi reconhecido pelo Comité Olímpico de Portugal e por todas as modalidades que estavam no Rio. E só assim faz sentido uma delegação que está a representar Portugal. Independentemente da modalidade temos que estar todos juntos. Isso foi conseguido da nossa parte. Acredito e sei que há sempre uma desconfiança em relação ao futebol, mas nós não queríamos ser diferentes. Não queremos nunca ser diferentes, nem vamos ser, porque acreditamos que todos juntos somos mais fortes.

Sente que faz parte da família olímpica?

Sim. E sinto que a seleção que esteve nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro fez parte a 100% daquele grupo olímpico. Nós vivíamos com toda a intensidade as competições dos outros atletas, como eles viviam connosco. O ambiente era fantástico. Fazíamos as refeições quase sempre juntos, durante o dia estávamos quase sempre juntos. Era um ambiente mesmo muito bom.

Tradicionalmente as pessoas falam de desporto e associam-no diretamente ao futebol. O que é que a Federação Portuguesa de Futebol pode fazer para ajudar a perceber que há outras modalidades e outros atletas que merecem o mesmo destaque?

Sabemos que o futebol é um mundo à parte e isso não podemos negar. Agora, podemos ajudar aqueles que mais precisam no apoio do treino ou de instalações. Queremos mostrar que somos iguais a eles. Queremos que eles sintam e saibam que não vão nunca deixar de sentir o nosso apoio. Porque representar o País, seja em qualquer modalidade, é a coisa mais linda que pode acontecer a um desportista.

O que é que lhe vem de imediato à cabeça quando pensa na sua carreira de jogador?

Lembro-me do orgulho que tive em representar a nossa seleção. O meu objetivo era ser jogador de seleção nacional. Se calhar o maior objetivo ainda era o de marcar golos com a camisola da seleção. Era aquilo com que eu sonhava todos os dias. Poder vir a fazer um golo e poder abrir os braços com a camisola da seleção. Felizmente, consegui essas duas coisas e, de facto, não há maior orgulho para um atleta. Temos toda a gente connosco quando estamos a representar o país que amamos e é uma enorme alegria. É difícil de descrever em palavras.

E o Pauleta tem também uma vantagem: conhece muito bem a realidade dos portugueses que vivem fora do País...

Eu costumo dizer que os grandes portugueses são os emigrantes. Porque são aqueles que estão longe e que mais sentem o País, o que é perfeitamente natural. Eu tive a felicidade de estar oito anos em França. Sendo um emigrante, fui um emigrante diferente, mas pude ter esse carinho da parte de todos os outros emigrantes.

E agora, enquanto diretor da Federação, o que é que tenta e consegue passar aos jogadores mais novos em relação à sua experiência?

O mais importante é passar aquilo que fui e aquilo que sou enquanto homem, e como ex-atleta: a humildade, a vontade de ganhar, o respeito. São esses valores que tento passar e que foi também aquilo que aprendi. Trata-se de passar os valores do que é ser um atleta de seleção. Quando se veste esta camisola estamos a representar o país e isso é uma responsabilidade enorme, com todo o respeito que me merecem os clubes, obviamente. Os jogadores têm de perceber que são uns privilegiados. Quantos miúdos gostariam de estar no lugar deles?

É também pela defesa destes valores que continua a ser embaixador de um projeto conjunto entre a Federação e o Sindicato dos Jogadores contra a viciação de resultados e pela ética desportiva?

Sim. Sabemos que hoje em dia há muita oferta para desviar os comportamentos normais, por isso é muito importante passar esses valores. Os mais novos aprendem a importância de ser honestos e sinceros, e que o desporto tem de ser levado muito a sério. Temos de ganhar dentro do campo, ou dentro da prova onde estamos inseridos, com muito trabalho e com muito sacrifício.

A Federação está preocupada em ajudar a garantir o futuro destes jovens jogadores que investem tudo no futebol, mas que daqui a uns anos têm de continuar a sua vida e ter uma carreira profissional?

Sim. E a prova disso é o acompanhamento escolar que nós fazemos nos estágios das seleções. Em estágios com mais de 3 dias já damos um apoio aos nossos atletas. Essa é uma grande preocupação nossa. A carreira de futebol é curta e depois do futebol queremos que saiam dali grandes homens e pessoas para o futuro. Só assim é que vamos conseguir que as coisas sejam melhores. Não só no futebol, mas na vida em geral.

Gostava de ver mais casos de sucesso quando os futebolistas terminam a carreira desportiva?

Infelizmente, no futebol não temos tantos casos de sucesso como noutras modalidades. Também é verdade que no futebol os atletas passam mais tempo fora. Mas o que nós queremos é que os nossos jogadores se possam formar, para poderem ter boas condições de vida a partir do momento em que deixam a carreira futebolística.



“Aquilo que sou, aquilo que já fiz e aquilo que espero fazer será sempre baseado no rigor, na honestidade, no respeito pelos outros. Será baseado na educação. Se fui um bom jogador ou se marquei muitos golos, isso é secundário”

O que é que o Pauleta gostava de ouvir dizer daqui uns tempos sobre si, sobre a sua carreira, sobre o meio onde está agora?

Qua as pessoas me reconheçam como atleta, mas principalmente me reconheçam como homem. Aquilo que sou, aquilo que já fiz e aquilo que espero fazer será sempre baseado no rigor, na honestidade, no respeito pelos outros. Será baseado na educação. Se fui um bom jogador ou se marquei muitos golos, isso é secundário. O que mais me agrada é encontrar todos os dias ex-colegas e treinadores, dirigentes e adeptos e todos eles me reconhecerem como homem. É isso que me deixa mais feliz. ●



Arthur Hanse e Kequyen Lam foram embaixadores de Portugal numa competição em que os resultados melhoraram



JOGOS OLÍMPICOS DA PAZ UNIRAM AS COREIAS

Os JOGOS OLÍMPICOS DE INVERNO PYEONGCHANG 2018 já são considerados como os Jogos em que foi possível unir no mesmo evento dois países divididos há mais de 7 décadas, sem relações diplomáticas e com o estigma de um conflito armado sempre presente.

Mas o que é certo é que não só atletas da Coreia do Norte competiram em PyeongChang, na Coreia do Sul, como também se constituiu uma equipa feminina de hóquei sobre o gelo com representantes dos dois países. As duas Coreias participaram no desfile da Cerimónia de Abertura sob a mesma bandeira e apenas com a designação de Coreia.

Esta vitória diplomática refletiu-se no acordo entre as duas partes, mas teve também o apoio do Comité Olímpico Internacional (COI) no sentido de ajudar a mediar as conversações. Não é portanto de estranhar que o presidente do COI, Thomas Bach tenha referido que “pela demonstração dos atletas de ambas as Coreias é possível um futuro pacífico entre os dois países”.

Estes foram os Jogos Olímpicos da revolução tecnológica e dos recordes batidos. Os números revelam isso mesmo: participaram nesta edição dos Jogos Olímpicos de Inverno 91 Comitês Nacionais Olímpicos (entre os quais o de Portugal), 2930 atletas, sendo que 42% dos participantes

foram mulheres, facto que vem ao encontro das diretrizes do COI em relação à tentativa de proporcionar igualdade de género nas provas Olímpicas.

Mas em PyeongChang também aumentou o número de provas realizadas. Na cidade sul-coreana realizaram-se 102 eventos, mais 6 do que nos Jogos anteriores, com mais de um milhão de bilhetes vendidos.

Esta foi também a maior cobertura televisiva que alguma vez se produziu nuns Jogos Olímpicos de Inverno.

“Obrigado Portugal”

O Comité Olímpico de Portugal teve dois representantes nesta edição dos Jogos Olímpicos: Kequyen Lam, nos 15 quilómetros em Esqui Nórdico, foi 113.º classificado, e Arthur Hanse participou no Slalom Gigante (66.ª posição) e na prova de Slalom, onde garantiu o 38.º lugar, a melhor classificação de sempre de um português nesta disciplina. Foi também a primeira vez que Portugal participou em três provas diferentes.

O primeiro a entrar em competição foi Kequyen Lam. Na estreia olímpica do português nascido em Macau, o principal objetivo era o de chegar ao fim, sem sobressaltos e com o tempo equivalente ao do garantido na qualificação.



Arthur Hanse e Kequyen Lam (à direita) em PyeongChang



Kequyen admite que viveu cada momento com toda a intensidade e que “representar Portugal foi a melhor situação que me podia ter acontecido. É fantástico viver todas estas sensações maravilhosas e ainda por cima por um país que me acolheu tão bem. Só tenho mesmo que dizer obrigado a todos. Prometo que nos próximos Jogos Olímpicos vou fazer ainda melhor!”, referiu o atleta português.

Foi também com a sensação de dever cumprido e com um grande orgulho em representar o País numa edição dos Jogos Olímpicos que Arthur Hanse voltou a competir por Portugal. O esquiador luso já tinha participado nos Jogos Olímpicos de Sochi, na Rússia, mas não tinha conseguido chegar ao fim. Agora, em PyeongChang o propósito era o de chegar ao Top 50 na competição de Slalom.

“Consegui mais do que os objetivos a que me propus, mas fica um amargo de boca. Não arrisquei tanto quanto podia para não falhar, uma vez que vi muitos dos meus adversários a arriscar e a cair. Chegar ao Top 40 é muito bom, mas gostava de ter feito ainda um pouco mais,” disse o olímpico português, que acrescentou ter “muito orgulho” no País que representou. “As manifestações de carinho e o apoio da Federação de Desportos de Inverno de Portugal, do Comité Olímpico de Portugal e de muitos portugueses espalhados por todo o mundo fazem-me lutar com mais força para os próximos Jogos de 2022 em Pequim”.

Orgulho na Missão

A chefia de Missão aos Jogos Olímpicos em PyeongChang voltou a ser confiada a Pedro Farromba, presidente da Federação de Desportos de Inverno de Portugal e membro da Comissão Executiva do COP. Para estes Jogos houve mais tempo de preparação, embora Pedro Farromba

considere que “ainda temos muito para fazer em relação aos Desportos de Inverno em Portugal, para que possamos ter mais atletas nos Jogos Olímpicos e garantir ainda melhores resultados. Estamos a caminhar bem, mantendo contactos com muitos portugueses e luso-descendentes espalhados por todo o Mundo. O apoio das comunidades lusas não só na Europa, como também no Canadá, para dar apenas estes exemplos, tem sido excepcional. Será através deles que teremos também maior conhecimento de potenciais representantes portugueses em futuras edições de Jogos Olímpicos”.

Mas o Chefe de Missão quer ainda mais. Pedro Farromba sente “orgulho em todos os que trabalharam para esta presença olímpica. E orgulho também na entrega e sentido patrióticos dos nossos atletas”. E utiliza estes exemplos para referir que, também em Portugal se podem encontrar jovens atletas e trabalhar com eles no sentido de os ajudar a chegar ao sonho olímpico.

Para já, anunciou a aquisição de uma pista de curling que será instalada no País e que vai permitir desenvolver a modalidade entre nós. Os contactos que manteve em PyeongChang com dirigentes de várias Federações Internacionais de Desportos de Inverno, bem como com responsáveis do COI, nomeadamente com o presidente Thomas Bach na visita à Missão de Portugal, permitem “encarar o futuro dos Desportos de Inverno em Portugal de uma forma muito otimista e desenvolver projetos e parcerias que nos façam crescer a nível nacional e internacional”, referiu.

A partir de agora, o principal objetivo é o de começar a criar condições para que a preparação para os próximos Jogos Olímpicos de Inverno seja feita nas melhores condições. O trabalho para Pequim 2022 já está a começar. ●

TARRAGONA 2018

PORTUGAL ESTREIA-SE NOS JOGOS DO MEDITERRÂNEO COM MISSÃO A AMBICIONAR POSIÇÕES DE EXCELÊNCIA

A participação nacional, a envolver mais de duas centenas de atletas, acontece pela primeira vez, a culminar um processo de integração que já durava há mais de uma década

O Comité Olímpico de Portugal (COP) tem em curso a preparação da Missão que vai participar nos Jogos do Mediterrâneo Tarragona 2018, em Espanha, entre 22 de junho e 1 de julho, o que acontece pela primeira vez na história da competição.

A entrada de Portugal foi confirmada na Assembleia Geral do Comité Internacional dos Jogos do Mediterrâneo, reunida na cidade de Tarragona (Espanha), em outubro de 2017, a finalizar um longo processo. “A admissão do COP culminou um conjunto de diligências iniciadas há mais de uma década e que só agora tiveram sucesso. Nesse sentido, é uma vitória da propositura apresentada, que teve papel relevante de um grupo de investigadores sobre cultura mediterrânica, muito importantes na fundamentação da nossa proposta e da diplomacia que encetámos junto de outros Comités Olímpicos”, sublinha José Manuel Constantino, presidente do COP.

Os Jogos do Mediterrâneo são uma competição multi-desportiva, que tem o reconhecimento do Comité Olímpico Internacional, e a participação é estabelecida através dos Comités Olímpicos de cada um dos países membros do Comité Internacional dos Jogos do Mediterrâneo. Prevê-se que a 18.ª edição da competição envolva, ao longo de dez dias, cerca de 4 000 atletas, em representação de 26 comités olímpicos nacionais, tendo a organização a expectativa de conseguir mobilizar o acompanhamento de 1 000 jornalistas. São esperados nas provas, distribuídas por 16 locais, mais de 150 000 espetadores.

A Missão Portuguesa será composta por cerca de 230 atletas e estende-se pela esmagadora maioria das modalidades e disciplinas. Apenas não haverá representação de atletas nacionais no Boxe, no Halterofilismo e no Futebol, cuja Federação não se pronunciou em relação ao estímulo

de participação lançado pelo COP. As modalidades e disciplinas que, previsivelmente, mais atletas incluirão na Missão Portuguesa serão o Andebol, o Pólo Aquático, o Voleibol, com equipas dos dois géneros, e também o Atletismo, o Judo e a Natação Pura.

Não existem critérios de qualificação estabelecidos para os Jogos do Mediterrâneo, tendo as Federações Desportivas apresentado proposta de constituição das suas equipas, na sequência do convite que lhes foi endereçado. De acordo com um conjunto de critérios de seleção apresentados às Federações, o COP avaliou as propostas apresentadas e definiu as quotas de participação por modalidade.

As expectativas quanto ao desempenho da Missão Portuguesa, em Tarragona, são de aproveitamento de uma nova oportunidade de aferição da qualidade dos atletas nacionais, segundo refere José Manuel Constantino: “O quadro dos países participantes colocam esta competição num nível médio/elevado em termos de competitividade, pelo que se torna muito útil no quadro de avaliação da competitividade desportiva nacional, no contexto internacional.” Mas não está afastada a possibilidade de atingir posições de excelência. Pelo contrário. “Em algumas modalidades desportivas é expectável que Portugal ambicione a posições de pódio”, sublinha o presidente do COP.



Tarracus

A mascote dos Jogos chama-se Tarracus, usa um capacete feito com água do Mediterrâneo – que tem a bandeira de Tarragona a encimá-lo – e um lenço com o “casteller”, símbolo do território tarraconense.



Competição envolverá cerca de 4000 atletas

As inscrições para os Jogos do Mediterrâneo terminam no final do mês de março, mas o programa desportivo só ficará fechado depois da avaliação final realizada pela Comissão Técnica do Comité Internacional dos Jogos do Mediterrâneo, em conjunto com o comité organizador local.

Programa da Missão

A chefia da Missão Portuguesa caberá a Marco Alves, diretor do Departamento de Missões e Preparação Olímpica do COP, estando agendada para o dia 16 de junho a partida dos elementos que prepararão a chegada dos primeiros atletas, prevista para quatro dias depois, a 20 de junho. Entre os dias 16 e 20 viajará a equipa que dará o apoio logístico, desportivo e clínico a todos os elementos que representarão Portugal na 18.ª edição destes Jogos.

26 PARTICIPANTES

EUROPA

Albânia, Andorra, Bósnia e Herzegovina, Chipre, Croácia, Eslovénia, Espanha, França, Grécia, Itália, Kosovo, Macedónia, Malta, Mónaco, Montenegro, Portugal, San Marino, Sérvia, Turquia

ÁFRICA

Argélia, Egito, Líbia, Marrocos, Tunísia

ÁSIA

Líbano, Síria



MODALIDADES E DISCIPLINAS

- | | |
|---------------------|------------------------|
| Andebol | Karate |
| Atletismo | Natação Pura |
| Badminton | Petanca |
| Basquetebol 3x3 | Pólo Aquático |
| Boxe | Remo |
| Canoagem | Taekwondo |
| Ciclismo | Ténis |
| Esgrima | Ténis de Mesa |
| Equestre | Tiro |
| Esqui Aquático | Tiro com Arco |
| Futebol | Tiro com Armas de Caça |
| Ginástica Artística | Triatlo |
| Ginástica Rítmica | Vela |
| Golfe | Voleibol |
| Halterofilismo | Voleibol de praia |
| Judo | |



DISTINGUE-SE NOS RELVADOS COMO FUTEBOLISTA, capitão de equipa do Rio Ave, mas, aos 34 anos, Tarantini também já construiu imagem associada a um profissional preocupado com a transição de carreira – licenciou-se, primeiro, e obteve de seguida o grau de mestre em Ciências do Desporto, na Universidade da Beira Interior. No final de 2017, lançou o livro “A Minha Causa”, um projeto de vida a pensar nos outros.

“É uma causa que visa despertar e alertar uma geração de desportistas para o problema das transições de carreira”, explica Tarantini à OLIMPO. “Nas modalidades é uma questão que não se verifica muito e os últimos números relativamente à formação académica dos atletas que participaram nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro mostram isso mesmo. Os atletas preocupam-se bastante com estas questões da formação, mas no futebol verifica-se muito a despreocupação em relação à transição, sobre o que é que vamos fazer a seguir e de como estamos preparados.”

A razão que despertou o seu interesse para encontrar soluções pós-carreira futebolística encontrou-a bem perto de si. “Em todo o meu percurso fui somando algumas coisas que aconteciam no balneário, mas claro que o caso do Fábio Faria, muito próximo, preocupante, que não teve nada que ver com a questão da idade, foi um imprevisto – um problema cardíaco –, e acabou por ser um clique mais forte. Sinto a necessidade de passar esta mensagem enquanto jogador profissional ainda ativo.”

O fim precoce da carreira de Fábio Faria, que passou por FC Porto, Rio Ave, Benfica e seleções jovens, estimulou

Tarantini a manter o tema da transição de carreiras em agenda bem vivo. “Há dois momentos: o pré-livro e o pós-livro. No primeiro, muitos pais, treinadores, jogadores e desportistas, de uma forma geral, queriam saber mais. Depois, o livro veio trazer um ‘input’ muito grande ao projeto, por estar lá a minha história, o percurso, os sacrifícios. E a partir daí os profissionais começaram a contactar-me para perceber de que forma

é que podem resolver este problema. É claro que o projeto nesta altura ainda não traz soluções, para isso o Sindicato está a fazer um ótimo trabalho. Mas pode dizer-se que o projeto está a crescer e a ter um feedback muito forte, e era esse o objetivo.”

E por que não há mais desportistas profissionais com estudos superiores? Tarantini tem a resposta: “No futebol há um fator que está diretamente relacionado com essa questão: o dinheiro. A ilusão de que toda a gente vai ganhar

muito dinheiro e resolver todos os problemas está muito vincada não só entre os jogadores, mas nos pais, na família. Mas mesmo os que ganham muito milhões acabam por sofrer, quando fazem a transição de carreira. Acabam por ter graves problemas financeiros. Ora, o dinheiro não é decisivo. E o que é que será decisivo? Um dos fatores que é transversal a todos os contextos sociais é a voluntariedade na decisão de terminar a carreira, de sermos capazes de terminar por nós próprios. E a formação académica torna-se fundamental, porque é uma boa ferramenta, uma boa forma

de conseguirmos conciliar carreiras. Tem muito a ver com o querer da pessoa. Ou a pessoa quer, vê na formação um fator que lhe vai dar qualidade na transição, ou não vê.”

Tarantini, apesar de já ter feito opções vencedoras quanto ao futuro, ainda não tem um plano final traçado. “Mesmo com algumas ferramentas sólidas nós estamos sempre na expectativa do que é que vai acontecer. Esse é um ponto que tenho trabalhado bastante, dotando-me de ferramentas para depois ir para o mercado de trabalho. Não sabendo ainda qual o papel, provavelmente o meu futuro vai passar pelo futebol. E, por estar a realizar o doutoramento, posso atirar-me também para o mundo universitário. É outra das portas que estou a abrir.”

Outro problema que o capitão do Rio Ave encara com preocupação é a integridade das competições e a manipulação de resultados. “Tem muito que ver com a pessoa, com questões de valores, identidade. Tem mais que ver com isso do que com o preço de cada um. É preciso erradicar esse problema. É claro que estamos num contexto desportivo que favorece essas questões. Em comparação com outros campeonatos, os rendimentos dos jogadores portugueses estão muito abaixo da média e já se sabe onde é que essas pessoas ou grupos organizados tentam entrar, que é nas pessoas mais vulneráveis.” ●



TARANTINI

Futebolista com causas para ganhar

Primeiro fez a licenciatura, depois realizou o mestrado em Ciências do Desporto e agora está empenhado em concluir o doutoramento. O capitão do Rio Ave tem um plano para transitar de carreira



MARIA DA GRAÇA COELHO

“Bato a todas as portas para conseguir apoios”

Aprendeu a atirar já adulta e começou a praticar uma modalidade com pouca expressão no país e também com uma fraca adesão entre as mulheres. Maria da Graça Coelho fez do Tiro com Arco o seu desporto de eleição. Foi ela que no início dos anos 90 iniciou a prática da modalidade em Macau e que, em Portugal, a introduziu nos programas do Desporto Escolar, durante 12 anos

EM 2017 FOI DESAFIADA e aceitou submeter-se a eleições para o cargo de Presidente da Federação Portuguesa de Tiro com Arco. Ganhou e todos os dias luta para relançar a modalidade em Portugal.

Quer chegar aos mais novos para conseguir mais praticantes. Quer mostrar a todos o que é o Tiro com Arco e pretende ter o apoio do Estado e de várias autarquias em todo o país para criar protocolos de colaboração com a Federação a que preside.

“Já temos um protocolo pronto para ser assinado com a Câmara Municipal de Sintra. O município dá apoio financeiro aos clubes e a Federação dá apoio técnico e apoia a abertura de novos clubes. Damos mesmo um kit de material de apoio para a iniciação no Tiro com Arco”, refere Maria da Graça Coelho.

A dirigente federativa confessa que o grande sonho que pretende realizar no médio prazo tem a ver com os dois grandes vetores que fazem parte da política da Federação. Por um lado, investir na formação de treinadores a nível escolar e federado, uma vez que sem técnicos não se

podem abrir novos núcleos de Tiro com Arco no país. Mas vai mais longe: “É importante captar treinadores que detenham grau internacional, para podermos ambicionar resultados interessantes, o que representa classificações entre os 20 primeiros a nível europeu”. O outro grande vetor passa pelo apuramento de atiradores para os Jogos Olímpicos. Para a concretização desta ambição, Maria da Graça Coelho adianta que “só a vamos conseguir cumprir com muito trabalho de equipa e com o apoio financeiro, que é fundamental. A Federação tem que dispor de verbas para levar os melhores atiradores portugueses a participar em torneios internacionais”.

Maria da Graça Coelho confessa que estas novas funções são desafiantes. Dedicar-se a tempo inteiro à gestão da Federação e confessa que bate “a todas as portas que sejam necessárias para conseguir apoios”. Sobre o trabalho com responsáveis de outras federações faz um balanço positivo. “Até agora não me queixo. Todos têm sido muito simpáticos. A colaboração é muito boa também com o Comité Olímpico de Portugal e com o IPDJ”. ●



CLUBE FLUVIAL PORTUENSE

Prova de vida superada com sucesso

Clube centenário do Porto foi obrigado a fazer um pedido de insolvência, em 2010, entretanto já ultrapassado. E 20 anos depois voltou a ter um atleta olímpico, a nadadora Vânia Neves



Valentim Miranda preside ao Fluvial

O FLUVIAL PORTUENSE É O CLUBE MAIS ANTIGO DA CIDADE DO PORTO. Fundado em 1876, foi-lhe atribuído pelo Rei D. Luís o título de Real. No 142.º ano de existência, com cerca de 2500 sócios ativos, dispõe de três modalidades: Remo, Pólo Aquático e Natação, esta em quatro vertentes – pura, de águas abertas, sincronizada e adaptada. Dotado do estatuto de utilidade pública, o Fluvial já foi distinguido pelo Governo com o Colar de Honra ao Mérito Desportivo.

“O Clube Fluvial Portuense não só está bem, como se recomenda, em termos de trabalho. Em termos económicos, está equilibrado. Estamos a fazer um trabalho de recuperação e vê-se que somos um dos clubes que tem maior número de inscritos nas várias modalidades”, sublinha o presidente, Valentim Miranda.

Mas nem sempre foi assim no clube centenário. Em março de 2010, os dirigentes do Fluvial foram obrigados a fazer um pedido de insolvência, devido a uma dívida de cerca de dois milhões de euros, contraída na sequência da construção de património. A piscina encerrou por falta de pagamento à EDP. Uma comissão administrativa teve de assumir a gestão na sequência da queda dos órgãos sociais.

Valentim Miranda conta como foi. “Quando chegámos, o clube tinha quatro atletas. Conseguimos, com esta equipa de trabalho, recuperar, cumprir os nossos compromissos, assumir responsabilidades e fazer aquilo para que o clube nasceu, que é dar aos jovens a capacidade de prática desportiva”.

O clube recuperou vitalidade e vinte anos depois voltou a ter um representante nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro 2016, a nadadora Vânia Neves, 24ª classificada



Vânia Neves

na prova de águas abertas. “Foi uma coisa nova. Foi perceber que lá fora a natação é vista com os olhos que veem o futebol, o atletismo... é diferente daquilo que se passa em Portugal, onde a natação continua a ser daquelas modalidades muito, muito, muito esquecidas. A nível de experiências competitivas, acho que ajudou bastante, porque agora encaro as outras competições de uma forma mais profissional”, diz a olímpica.

Para além de atleta de alto rendimento, Vânia Neves trabalha para o clube como professora de natação, no complexo de piscinas do clube, considerado “o maior plano de água do País.” A par destas instalações situadas no Porto, o Fluvial tem em Vila Nova de Gaia um polo onde funciona a secção de Remo, coordenada pelo olímpico em Atlanta 1996, Manuel António Fernandes. “Temos vindo a crescer sempre, nos últimos 20 anos, com novos objetivos. Não temos conseguido fazer tudo de uma só vez, porque o remo não é uma fábrica de cerâmica, em que se pede: ‘Olhe, queremos x atletas com 1,90m’. Isso não é possível. Estamos a atingir o nível máximo como clube, em termos nacionais, falta agora um bocadinho de ambição da Federação para desenvolver a modalidade, isto é, os clubes só conseguem levar os atletas até determinado patamar, depois depende da Federação. Os clubes vão até hora e meia, duas horas por dia, por causa do trabalho e dos estudos, daí para cima depende da Federação.”

Natação adaptada

A criação da secção de natação adaptada é uma das grandes bandeiras do clube, que viu Diana Torres sagrar-se campeã da Europa dos 200m costas, em 2017. “Pratico desporto desde pequenina, desde os quatro anos. Eu amo

muito a natação. O futuro é ser campeã do Mundo em natação adaptada e também mostrar a várias crianças que eu sei nadar”, diz Diana Torres.

Hélder Teixeira, treinador da campeã europeia, fala, orgulhoso, do seu percurso. “A Diana é mais um reflexo do trabalho que tem vindo a ser desenvolvido. Há uma equipa com um critério de qualidade muito grande. A Diana, notoriamente, tem uma fase de formação mais prolongada, entre outros atletas na área da trissomia 21, mas é o nosso último rosto de grande resultado europeu. Somos ambiciosos.”

Troféu Olímpico

Do espólio do Clube Fluvial Portuense faz parte também o Troféu Olímpico, que lhe foi atribuído pelo Comité Olímpico de Portugal, em 1981, em sinal do contributo dado ao desporto português. “Esta distinção não é mais nem menos do que o reconhecimento do trabalho que o Fluvial tem desenvolvido, com vários atletas olímpicos, em natação, remo e tiro. E nos últimos Jogos Olímpicos voltamos a ter uma atleta, coisa que já não acontecia há 20 anos. Para se ser olímpico tem de se ser o top”, sublinha o presidente Valentim Miranda.

E o Fluvial já deu cinco atletas às missões olímpicas de Portugal: um representante no Tiro; Vasco Sousa (Natação), em Seul 1988; Samuel Aguiar e Manuel António Fernandes (Remo), em Atlanta 1996; e Vânia Neves (Natação), no Rio de Janeiro 2016. ●

FREDERICO MARQUES

“O MEU OBJETIVO É SER O MELHOR TREINADOR DO MUNDO”

Tem 31 anos e passou de jogador a treinador de ténis aos 21. Diz que ainda vai levar João Sousa aos primeiros 20 lugares do ranking mundial

“Eu gosto do impossível porque lá a concorrência é menor.” Como é que chegou a esta máxima de vida?

Através da minha experiência. Gosto de tentar ser melhor todos os dias, não só no ténis, como na minha vida pessoal. Tento superar-me todos os dias. O meu hobby são provas de triatlo, ironman, ultraman. Tento sempre afrontar o medo que vou tendo e vejo que é apenas uma coisa mental.

Qual é o maior desafio que se coloca a um treinador de ténis, um treinador que começou a carreira aos 21 anos?

Os desafios ou as metas somos nós próprios que os estabelecemos. Eu tenho a ambição de ser o melhor treinador do Mundo. É óbvio que é um sonho, mas tenho objetivos semanais, todos os meses, de três em três meses.

Quando se trabalha com um jogador do top 100, top 50, como é o caso de João Sousa, o que é que pesa mais?

É preciso ser muito forte mentalmente. É preciso ter uma grande capacidade de recuperação e adaptação. O circuito é muito exigente a esse nível. Chega-se da Austrália, estamos três ou quatro dias em Portugal e é preciso fazer a adaptação às bolas, ao pavilhão coberto, a outro clima. Todas as semanas é diferente. Há as comidas, o fuso horário, e quem tem a capacidade de se adaptar e recuperar do desgaste, entre as viagens e os jogos, tem uma grande vantagem.

Com quem é que tem aprendido mais?

Gosto mais de ouvir do que de falar, por isso é que temos dois ouvidos e apenas uma boca. Vou ver muitos treinos, filmes. Tenho aprendido muito com o tio do Nadal, ultimamente tenho trabalhado de uma maneira mais próxima com o Günter Bresnick, o treinador do Dominic Thiem, que já teve vários jogadores nos dez melhores do Mundo e é muito experiente.

Nesta altura, a vossa base de trabalho tem de continuar a ser Barcelona?

Uma equipa que consegue bons resultados não se deve mudar. Barcelona é uma cidade onde se respira ténis, tanto para treinadores como para jogadores. É muito fácil conseguir atletas dos primeiros 50 do Mundo para treinar. Para mim, como treinador, é o melhor, porque posso estar com outros treinadores e falar de ténis, ver a maneira como trabalham. E, para o João, também, para ter parceiros de

treino à altura e ainda melhores do que ele. É espetacular. Para já, vamos continuar lá. Portugal está cada vez melhor, a Federação está a fazer um excelente trabalho no Centro de Alto Rendimento, em Lisboa, mas, para já, Barcelona continua a ser a melhor opção para evoluir.

Voltaria a decidir ser treinador tão precocemente?

Sim, sim. Eu vivo a minha vida de forma muito intensa e vivi a minha carreira de forma igualmente intensa, e cheguei à conclusão que não chegaria ao patamar que queria. A minha grande paixão é o ténis e tive a felicidade de conhecer pessoas que me ajudaram e ensinaram um bocadinho. Vi que, realmente, era possível viver daquilo, era possível a um treinador de ténis ter um Porsche, uma excelente casa, diferente de Portugal, onde o treinador não era tão bem visto. Vi treinadores muito bem sucedidos e pensei: ‘Se, em Espanha, é possível fazer jogadores, viver bem, ter uma família, dar uma excelente educação aos filhos, por que não?’ E optei. Em relação à trajetória com o João, mudaria algumas coisas, não teria sido tão duro como fui, em algumas situações, mas penso que tenho feito um excelente trabalho com ele.

Já atingiu o “status” do Porsche e da boa casa?

Não, não. Isso é a brincar. Quero ser ainda melhor. Tenho exemplos, é bom tê-los. Trabalho com o João, mas também trabalho numa academia, em Barcelona, na qual um dos principais responsáveis é o Francisco Roig, o segundo treinador do Nadal. É um exemplo para mim ver como ele consegue estar com um atleta tão bom. Ainda sou jovem, tenho muito para aprender, mas o meu objetivo é ser o melhor treinador do Mundo.

A manipulação de resultados é um tema cada vez mais presente no desporto, como é que assiste a esse fenómeno?

Não é fácil. No meu caso é, porque estou diretamente com um atleta. Existe controlo, confiança. Se um treinador está com um coletivo, se tem de controlar muitas pessoas, é mais complicado. No caso do ténis, sim, recebemos ameaças; sim, recebemos ofertas.

Diretamente?

Sim, sim, diretamente. Eu já recebi ameaças, o João também. É mais para o jogador do que para o treinador. Para



Frederico Marques com João Sousa, nos Jogos do Rio 2016

mim, são mais insultos do que ameaças. Semanalmente, o João recebe insultos: ‘Perdeste, devolve-me o dinheiro! Apostei...’. É complicado, as pessoas não percebem. Até com amigos eu me protejo, porque ligam a perguntar se o João está bem ou não, e não sei se é para apostarem ou não. É preciso ter distância de amigos e familiares.

Sente que isso mexe com o João Sousa?

Não, não. Penso que no caso da elite, nos torneios, é mais difícil atingir os atletas. Noutros torneios, noutras categorias, em que o ‘prize money’ é inferior, é mais fácil chegar aos atletas e veem-se situações complicadas, de apostadores a insultarem os jogadores diretamente, a fazerem ‘esperas’. Nos torneios do João há mais segurança, é mais difícil chegar aos atletas.

Concorda com a proibição dos treinadores darem indicações aos seus jogadores durante os encontros?

Não. Penso que o ténis é a única modalidade individual em que não é permitido ao treinador falar. É uma coisa de há muitos anos, mas o próprio Circuito está a tentar fazer algumas modificações. No último ano, em alguns Grand Slam, em categorias inferiores, nos juniores, já foi testado os treinadores falarem, numa área reservada onde os jogadores passam. Mas, quem quiser falar, fala. No meu caso, falo.

Já foi penalizado?

Sim, claro que sim, já fomos multados. É preferível pagar a multa, porque a vitória dá para a multa e muito mais. Eu estou de acordo em que se deve falar. O ténis é muito tático e passaria a sê-lo ainda mais. Mesmo para o público seria bom ouvir o que o treinador tem a dizer, para aprender um bocadinho mais. Seria melhor para o espetáculo.

Como é o seu lado de atleta extremo participante em provas de ironman?

É um lado de superação. No início fi-lo também para mostrar ao João que não existem limites. Quando comecei

a treinar pesava 92kg. Os meus hábitos alimentares não eram tão bons e tive de dar o exemplo. Se me levanto às quatro ou cinco da manhã para nadar, para correr, se sei que este ou aquele alimento me vai fazer recuperar melhor, chego ao meu atleta de outra maneira. Ele sempre pensou que era impossível acabar um ironman, ainda mais um ultraman, até eu próprio e as pessoas que estavam ao meu lado pensavam. Mas eu sou assim, gosto de me testar e de passar às pessoas a mensagem de que nada é impossível. Eu disse sempre ao João que ele ia ganhar torneios ATP e ia estar nos primeiros 50 do Mundo. Até agora, ainda não falhei. Já lhe disse que ele ia estar nos primeiros 20 e é para isso que trabalho.

Há um local especial?

Sim, Kuala Lumpur foi muito especial para nós. O título, nem nós próprios acreditámos. ‘Olha, ganhámos um torneio. Foi um ATP, foi isto que sonhámos’. Se tivesse de dizer duas cidades, diria Barcelona, onde nos formámos e continuamos a formar, e depois Kuala Lumpur, com a bandeira portuguesa, o troféu, ao pé das torres, é uma memória especial.

Tóquio 2020 está no vosso horizonte?

Claro que sim. O meu objetivo é levar o João a lugares cada vez mais altos. Não é só estar presente, é ganhar muitos jogos.

A sua licenciatura em Ciências da Comunicação passou definitivamente à História?

Não, continua, continua congelada. Neste momento, o meu objetivo passa por ajudar o João a ser melhor jogador. Vou estudando, desde neurociência a nutrição, a psicologia, em cursos, em coisas online.

O maior desafio é sempre o que se segue?

Sim. Eu ponho os meus objetivos e tenho de os riscar. É por aí que acordo todos os dias. E em 2018 vamos ver um João mais forte. ●



JOÃO CAMPOS

À distância de 38 anos, o mais marcante na minha participação, na altura um jovem com 21 anos, foi o facto de ser a primeira presença numa grande competição internacional, e nuns Jogos em particular

A PARTICIPAÇÃO PORTUGUESA NOS JOGOS OLÍMPICOS DE MOSCOVO 1980 ficou marcada pelo boicote assumido por cerca de 60 países. Os dirigentes do Comité Olímpico de Portugal questionaram os atletas pré-seleccionados se estavam interessados ou não em participar. Quem esteve interessado em ir, foi, quem não esteve interessado, não foi. Eu fui um dos onze atletas que mostrou interesse em estar presente. Do atletismo foram ainda o fundista José Sena e o maratonista Anacleto Pinto, orientado também pelo meu treinador, António Campos, que nos deu o apoio técnico em Moscovo.

À distância de 38 anos, o mais marcante na minha participação, na altura um jovem com 21 anos, foi o facto de ser a primeira presença numa grande competição internacional, e nuns Jogos em particular.

Claro que tudo aquilo me impressionou: a dimensão da competição, a aldeia olímpica, o estádio, a mascote 'Misha', a interação do público nas bancadas, nas cerimónias, de abertura e de encerramento, que aconteceu pela primeira vez, e na qual Portugal desfilou com a bandeira do COP.

Chegado o dia da competição, passei a eliminatória dos 1500 metros para a meia-final, de forma confortável, sem problemas, ao ser 5.º classificado na terceira série, com 3.41,3m. A meia-final, no dia seguinte, voltou a ser uma prova tática, lenta, mas acabei por cometer um erro: na reta oposta à meta, estava razoavelmente bem posicionado, quando me começaram a passar todos os adversários que estavam atrás de mim, e eu não consegui sair da posição em que me encontrava, encostado à corda. Quando consegui sair, ainda passei alguns adversários na última curva, mas não deu para mais do que o 7.º lugar na 1.ª meia-final, com 3.44,4m.

Quatro anos depois, em 1984, para os Jogos de Los Angeles, a minha preparação continuava focada nos 1500 metros, mas a verdade é que participei numa prova de 5000 metros, em Oslo. Estava em grande forma e tive a sorte, ou o azar,

não sei, de apanhar um 'grande comboio' e, quase sem querer, fui atrás deles – Lopes e Mamede – e quando dei por isso tinha feito 13.19,10 minutos, mínimos para os Jogos. Acabei por correr os 5000 metros em vez dos 1500 metros.

Ao contrário de Moscovo – onde existia uma aldeia olímpica de raiz –, em Los Angeles, os americanos aproveitaram as instalações existentes e dividiram as comitativas por várias residências universitárias, criando três aldeias. A comitiva portuguesa, composta por 38 atletas, ficou instalada na Universidade de UCLA, onde pela primeira vez



ESTREANTE NO ANO DO BOICOTE

vivi aquilo que seria a 'pré-história' da internet, com a instalação de computadores onde podíamos comunicar para o exterior. Não havia telemóveis.

Nas eliminatórias, corri na terceira série: terminei em 5.º lugar, com 13.46,27, que me garantiu o apuramento, com algum à vontade, para a meia-final. Depois, logo no dia seguinte, na segunda meia-final, já com dificuldade, terminei em 10.º lugar, com 13.34,46, e fiquei fora da final por apenas um lugar. Eram apurados 15 atletas e eu fui 14.º. Recordo ainda que o finlandês Martti Vainio acabou por não participar na final por teste positivo de doping, mas eu já não fui repescado.

Portugal teve em Los Angeles a oportunidade de ter uma final inédita com três portugueses, já que o Ezequiel Canário e o António Leitão garantiram a presença, com este último a conquistar o bronze. ●

O seu nome está desde sempre ligado aos UHF, uma das bandas pioneiras do rock cantado em português, e para além da música tem pelo desporto uma admiração muitas vezes confessada. Nos Jogos Olímpicos fascina-o a maratona

ANTÓNIO MANUEL RIBEIRO

“QUEM É QUE NÃO QUIS SER O EUSÉBIO?”



Que relação tem com o desporto? É ativo ou contemplativo?

Agora sou mais contemplativo, mas já fui muito ativo em várias áreas. Joguei futebol, voleibol, nadei, e até joguei andebol. Aliás, todos os almadenses algum dia devem ter jogado andebol, que em tempos foi uma modalidade de muita tradição, em Almada.

É sensível à mensagem de que o desporto faz parte de um modo de vida saudável?

Sim, sou, mas não confundo desporto com desporto profissional, futebol, alta competição.

E o que é que faz para ter esse modo de vida saudável?

Eu vivo ao pé de um bosque e sempre que penso ir correr acabo por não o fazer, porque não tenho companhia. Mas vou começar a ir ao ginásio, porque a minha profissão exige que o faça. Preciso de estar saudável, ter resistência.

Que modalidade o atrai mais?

O futebol. Gosto muito de futebol, mas não gosto nada daquilo que está à volta do futebol. Para mim, o futebol são os 90 minutos de jogo. Não me passa pela cabeça a importância que estamos a dar aos comentadores agressivos. O que interessa é a bola a rolar, a finta fantástica, a defesa espetacular. Há uma crise no futebol. Portugal tem muitas artes, mas muitas vezes perdem-se em guerras fratricidas.

Quais são para si os momentos mais sugestivos da história dos Jogos Olímpicos?

A prova rainha, a maratona, até porque temos campeonos olímpicos que me fizeram chorar. É uma distância tão grande que deve ser preciso recuperar o ânimo várias

vezes. A maratona exige o melhor do ser humano, exige capacidade de superação. Gosto dos Jogos Olímpicos pela diversidade, encantam-me, até porque estão lá os melhores. Mas a maratona transcende tudo.

Alguma vez se projetou na identidade de um grande campeão?

Quando era miúdo adorava um homem chamado Costa Pereira, o guarda-redes do Benfica. Mas dois anos depois apareceu o Eusébio. Quem é que não quis ser o Eusébio? Agora temos o Cristiano Ronaldo, já tivemos o Figo, mas o meu ídolo era o Eusébio, que eu conheci e foi meu amigo. O Eusébio era maior do que Portugal, que na altura era um país fechado ao mundo.

Como observa a glória que é dispensada aos vencedores e o tratamento dado aos vencidos?

O meu pai, que também jogou futebol – era “back” direito, como se dizia na altura –, tinha uma frase que não esqueci: “Glória aos vencedores e honra aos vencidos.” A ideia do derrotado é uma designação dos tempos modernos, em que é preciso derrotar o adversário, aniquilar o adversário.

O desporto é um lugar de união?

Nas modalidades, acho que sim, se não transferirem a agressividade que anda à volta do futebol. Antigamente, nós íamos ao futebol de autocarro, de barco, de elétrico e de metro – veja bem os transportes que precisávamos de apanhar –, e íamos todos juntos, era uma festa. Num dia de Benfica-Sporting, ia tudo junto, não havia qualquer problema, como agora, em que não se podem juntar as claques. E no fim havia lanche. Depois voltávamos todos juntos, a comentar as peripécias do jogo. ●

ABRIL

- 2 a 7** CICLISMO
Volta ao País Basco
- 4 a 17** XADREZ
Campeonato da Europa individual, Vysoké Tatry, Eslováquia
- 4 a 22** FUTEBOL
Copa América (feminina), Chile
- 5 a 8** GOLFE
Masters de Augusta, Estados Unidos
- 6 a 8** JUDO
Antalya Grand Prix, Turquia
- 6 a 20** FUTEBOL
Taça da Ásia (feminina), Jordânia
- 8** CICLISMO
Paris-Roubaix, França
- 15** CICLISMO
Amstel Gold Race, Holanda
- 16** ATLETISMO
Maratona de Boston, Estados Unidos
- 18** CICLISMO
La Flèche Wallone, Bélgica
- 21 a 7** (maio) SNOOKER
Campeonato do Mundo, Sheffield, Inglaterra
- 22** ATLETISMO
Maratona de Londres, Inglaterra
- 28 a 6** (maio) TÊNIS
Estoril Open
- 29 a 6** (maio) TÊNIS DE MESA
Campeonato do Mundo por equipas, Halmstad, Suécia

MAIO

- 4** ATLETISMO
Liga Diamante, Doha, Qatar
- 5 a 27** CICLISMO
Volta a Itália
- 12** ATLETISMO
Liga Diamante, Shanghai, China
- 12 e 13** TRIATLO
World Series, Yokohama, Japão
- 15 a 14 (junho)** VOLEIBOL
Liga das Nações (feminina)
- 16** FUTEBOL
Final da Liga Europa (masculina), Lyon, França
- 17 a 20** AUTOMOBILISMO
Rali de Portugal
- 18 a 20** BASQUETEBOL
Final-four da Euroliga, Belgrado, Sérvia
- 19 e 20** AEROMODELISMO
Campeonato do Mundo, Leiria, Portugal
- 24** FUTEBOL
Final da Liga dos Campeões (feminina), Kiev, Ucrânia
- 24 a 27** GOLFE
Campeonato PGA, Wentworth, Estados Unidos
- 25 a 27** JUDO
Hohhot Grand Prix, China
- 25 a 24 (junho)** VOLEIBOL
Liga das Nações (masculina)



26 ATLETISMO

- Liga Diamante, Eugene, Estados Unidos
- 26** FUTEBOL
Final da Liga dos Campeões (masculina), Kiev, Ucrânia
- 27 a 10** (junho) TÊNIS
Torneio de Roland Garros, Paris, França
- 27** FUTEBOL
Final da Taça de Portugal (feminina)
- 27** HÓQUEI EM PATINS
Final da Taça de Portugal (masculina)
- 27** ANDEBOL
Final da Taça de Portugal (masculina)
- 31** ATLETISMO
Liga Diamante, Roma, Itália



JUNHO

- 1 a 3** GINÁSTICA
Mundial de Ginástica Aeróbica, Guimarães, Portugal
- 1 a 3** REMO
Taça do Mundo, Belgrado, Sérvia
- 3 a 10** CICLISMO
Critério do Dauphiné, França
- 5** NATAÇÃO
Campeonato do Mundo de saltos, Wuhan, China
- 7** ATLETISMO
Liga Diamante, Oslo, Noruega
- 8** CANOAGEM
Campeonato da Europa de velocidade, Belgrado, Sérvia
- 9 a 17** CICLISMO
Volta à Suíça
- 10** ATLETISMO
Liga Diamante, Estocolmo, Suécia
- 10** TRIATLO
World Series, Leeds, Inglaterra
- 14 a 15** (julho) FUTEBOL
Campeonato do Mundo (masculino), Rússia
- 14 a 17** KARATE
Campeonato do Mundo, Dundee, Escócia
- 16 a 21** ESGRIMA
Campeonato da Europa, Novi Sad, Sérvia
- 22 a 1** (julho) JOGOS DO MEDITERRÂNEO
Tarragona, Espanha



PARCEIRO OFICIAL
PROGRAMA DE RESPONSABILIDADE SOCIAL | EDUCAÇÃO

Mais longe na formação, mais alto nas ambições, mais fortes para a vida.

Apostamos na formação académica dos nossos atletas.

Os Jogos Santa Casa orgulham-se de ser o Parceiro Oficial do Programa de Responsabilidade Social do Comité Olímpico de Portugal para a Educação. Através de um programa anual de concessão de bolsas de estudo aos atletas olímpicos nacionais, acreditamos que a sua formação académica e empenho escolar, aliados ao mérito e talento desportivos, serão fatores determinantes para o sucesso das suas carreiras profissionais futuras e para a realização dos seus sonhos!

Jogos Santa Casa e Comité Olímpico de Portugal: uma aposta no futuro.



Utiliza as **vantagens**
do Cartão COP
e **apoia os atletas** da tua
Federação/Modalidade.

**PEDE JÁ O TEU CARTÃO ATRAVÉS
DA TUA FEDERAÇÃO.**



repsol.pt
comiteolimpicoportugal.pt

